

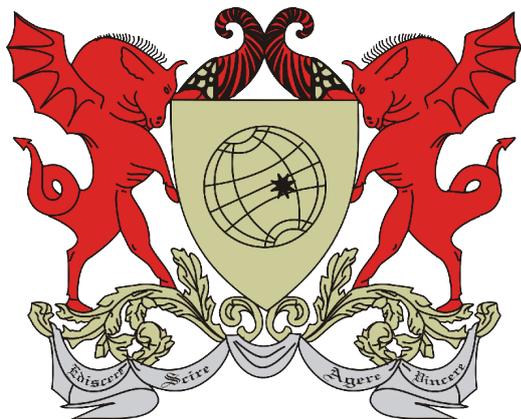
Teorias e Metodologias da História

Fábio Adriano Hering



Curso de Licenciatura
em História





Universidade Federal de Viçosa

Reitora

Nilda de Fátima Ferreira Soares

Vice-Reitor

Demetrius David da Silva

cead

Coordenadoria de
Educação Aberta e a Distância

Diretor

Frederico Vieira Passos

*Prédio CEE, Avenida PH Rolfs s/n
Campus Universitário, 36570-000, Viçosa/MG
Telefone: (31) 3899 2858 | Fax: (31) 3899 3352*

HERING, Fábio Adriano - Teorias e Metodologias da História. Viçosa - MG, 2012.

Layout: Diogo Rodrigues

Edição de imagens e Editoração Eletrônica: Pedro Augusto

Capa: Diogo Rodrigues

Revisão Final: João Batista Mota

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

H546t
2012

Hering, Fabio Adriano, 1968-
Teorias e metodologia da história [recurso eletrônico] /
Fábio Adriano Hering. – Viçosa, MG : UFV/CEAD, 2012.
50p. : il. (algumas col.) ; 29cm. (Conhecimento, ISSN
2179-1732 ; n. 10)

Livro eletrônico.
Bibliografia: p.49.

1. História - Metodologia. 2. Historiografia.
I. Universidade Federal de Viçosa. Coordenadoria de
Educação Aberta e a Distância. II. Título.

CDD 22. ed. 907.2



SUMÁRIO

- 05** UMA PALAVRA SOBRE A LEITURA DE TEXTOS
- 07** AS TEORIAS E METODOLOGIAS DA HISTÓRIA DO SÉCULO XVI AO XVIII
- 18** TAREFA E FUNÇÃO DE UMA TEORIA DA HISTÓRIA
- 25** AS FILOSOFIAS DA HISTÓRIA DO SÉCULO XVIII
- 31** O HISTORICISMO
- 35** AS FILOSOFIAS DA HISTÓRIA DO SÉCULO XIX
- 39** OS USOS DO PASSADO NO SÉCULO XIX
- 42** A NOVA HISTÓRIA
- 46** CULTURA POPULAR
- 49** BIBLIOGRAFIA

Uma palavra sobre a leitura de textos

Ler textos acadêmicos não é algo natural, mas sim uma atividade que você pode otimizar com o exercício, paciência, dedicação e alguma metodologia de trabalho. Se fôssemos racionalizar a atividade de ler textos acadêmicos em etapas, talvez pudéssemos dividi-la em três partes:

- a leitura geral,
- a busca pelo significado das palavras, e
- o comentário sobre o texto.

Antes de conversarmos sobre cada uma delas, é necessário lembrar que o ato de ler textos acadêmicos é algo essencialmente solitário, uma atividade na qual o processo de construção do conhecimento se dá pela introspecção e pela reflexão intelectual a partir de algum autor. Você não deve se furtar ao processo de construção do conhecimento que você mesmo deve experimentar ao ler e enfrentar as dificuldades do texto. A leitura é o primeiro momento da construção do conhecimento, e parte desse processo é o da busca pelo sentido, que você deve promover. Caso contrário, o conhecimento não será seu e escorrerá entre seus dedos sem que você consiga apreendê-lo.

A **leitura geral** do texto é o primeiro contato com o autor e deve promover um reconhecimento das ideias centrais ou problemas esboçados por ele. É importante lembrar que todo texto acadêmico, em geral, se organiza a partir de um sentido monográfico, o que quer dizer que ele se orienta no sentido de explorar ou resolver uma única questão.

Lembrem-se, Tucídides quando escreveu a História da Guerra do Peloponeso não buscou escrever uma História Universal da Grécia, mas sim identificar quais teriam sido as causas da ruína de Atenas naquele conflito. Perceba: responder a uma pergunta é uma orientação monográfica. É essa questão que você deve buscar apreender numa leitura de texto. A essa leitura mais rápida, em busca desse sentido geral, segue-se uma segunda, mais lenta e cuidadosa, na qual você deve se demorar em busca do sentido das palavras e dos detalhes e ideias paralelas do texto.

Nessa segunda leitura, você deve se demorar mais. Leia lentamente o texto e perceba o fluxo das ideias, a forma como se organizam os argumentos do autor, as escolhas de vocábulos e a construção das frases. A partir disso, você pode identificar as palavras desconhecidas e investigá-las nos dicionários, enciclopédias e na internet.

Não esqueça de buscar informações em suas próprias anotações de leitura de textos anteriores, pois elas podem oferecer informações valiosas. As ideias mais complexas e desconhecidas devem ser anotadas, para você buscar conselhos entre os colegas ou com seus tutores. Uma boa dica de estudo é elaborar um glossário próprio em um caderno: anote as palavras e conceitos desconhecidos. E você mesmo deve se impor a obrigação de primeiramente tentar completar os vazios das palavras.

Você deve elaborar, ao final da leitura e estudo, um comentário escrito na forma de ensaio sobre o texto lido. Ele deve ser autoral e primar por compor o texto com suas próprias palavras. Nesse momento, você pode explorar algumas informações biográficas acerca do autor, recolhidas em uma busca na internet. Obras já publicadas por ele que mantenham uma relação com o texto devem



ser citadas, além dos seus vínculos institucionais. Apresente, nesse ensaio, considerações sobre a estrutura do texto, sua ideia ou questão central, assim como os argumentos do autor. Finalmente, relacione as principais referências bibliográficas citadas, identificando aquelas que você percebeu como mais importantes.

O cineasta alemão Werner Herzog comentou, certa vez, que sempre gostou de caminhar sozinho, pois enquanto enfrentava as dificuldades do caminho percebia que seu cérebro se tornava uma fera. Curiosamente, ele, que ficou conhecido por uma atividade essencialmente coletiva, o cinema, sempre aprendeu muito e elaborou suas ideias dessa forma: caminhando sozinho. Isso nos fala do esforço que temos de empreender intelectualmente para elaborar grandes ideias e alcançar nossos objetivos.

Todo aluno de História que quer se tornar um bom professor ou historiador deve se esforçar para isso: tornar-se um autodidata. Você terá inúmeras oportunidades para construir conhecimento em grupo, nos trabalhos em classe e nas conversas com os tutores e professores. Mas nunca se esqueça do trabalho que você mesmo deve fazer, enfrentando seus desafios e investigando, como um historiador, o sentido dos textos e das palavras.

O exercício da leitura é também reflexivo, em que você aprende sobre si mesmo e seus limites. Só assim poderá se tornar erudito. Você sabe o que quer dizer essa palavra? Erudição é o ato de “deixar de ser rude”, tornar-se informado, ilustrado, culto. Faça uma pesquisa sobre esse termo para que você domine a ideia de erudição!!!

Bom trabalho!

As teorias e metodologias da História do século XVI ao XVIII

Olá, Pessoal.

Esta é a nossa primeira aula de Teorias e Metodologias da História I. Teremos algumas leituras muito importantes nesses próximos meses, assim como alguns desafios e descobertas. Você já deve ter observado o cronograma de nosso curso: começaremos com as discussões de textos, explorando a primeira unidade. Se por acaso você não leu ainda o texto, volte à apostila, faça uma leitura inicial buscando as ideias gerais e os objetivos do texto. Caso contrário, será difícil acompanhar essa aula expositiva.

Texto referência: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; SANTAMARIA, Yves. *A Escrita da História no Período Moderno: arte ou ciência, verbo ou fonte*. In *Como se Faz a História: Historiografia, Método e Pesquisa*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, 47-81

Nesta aula, trataremos dos seguintes tópicos:

- A História na França do século XVI: do modelo humanista italiano à história perfeita
- O Século XVII: da história literária à história erudita
- Séculos das Luzes ou a impossível reconciliação entre erudição e filosofia

A partir do texto *A Escrita da História no Período Moderno: arte ou ciência, verbo ou fonte*, do livro *Como se Faz a História*, poderemos compreender, de forma geral, as principais contribuições francesas para a escrita da História. O pensamento francês influenciou bastante a formação da História como disciplina na modernidade. Por isso, esse texto ensinará coisas importantíssimas para você.

A História teve influências de diversas tradições, como a alemã e a italiana. Nós a estudaremos no futuro, compondo um cenário mais completo à medida que o curso avançar. Por enquanto, estudaremos as contribuições francesas, percorrendo os séculos XVI, XVII e XVIII, bem como suas principais teorias e metodologias.

Algumas palavras sobre Teoria

Antes de explorarmos o conteúdo do texto, vamos fazer algumas considerações sobre as palavras-chave de nosso curso. A primeira delas é “teoria”.

Teoria é uma palavra grega, que se origina do verbo *theáomai*, que busca descrever tudo aquilo que conhecemos, porque observamos algo atentamente. Curiosamente, esse mesmo verbo, *theáomai*, daria origem, no século V a.C., a dois substantivos muito importantes, um deles é a palavra *teoria*, que passaria a significar cada vez mais a ideia de conhecimento teórico, como fruto da observação, e não da prática, que seria o conhecimento especulativo.

O outro substantivo originado do verbo *theáomai* é a palavra *teatro*, como o lugar público aonde vamos para observar atentamente, com os próprios olhos



e sentidos, uma dramatização. Percebam que para os gregos antigos, então, o conhecimento teórico estaria fundado no sentido do olhar. Guardem isso, pois a relação entre o que se vê e o que se pensa será a chave das diferentes teorias e métodos da História até os nossos dias.

Para completarmos essa primeira exposição sobre a palavra Teoria, vamos avançar no tempo. Já no século XX, tomaremos as palavras do filósofo da ciência Karl Popper, que aproximando a ideia de teoria de nossos dias, a definiremos não apenas como o resultado da observação, mas também como uma forma de observar. Lembrem que o cientista Isaac Newton, quando propôs as leis da gravitação universal, não pôde observar todo o universo em funcionamento, mas construiu intelectualmente um conjunto de ideias que até hoje nos “fazem ver” como os planetas orbitam ao redor do sol e como suas trajetórias são condicionadas por uma invisível força de atração. Percebam que a ideia de teoria *fala* também de como construímos mentalmente uma imagem do mundo ou de uma coisa para serem descritas em palavras ou fórmulas.



Para Lembrar:

- Teoria vem do verbo grego *theáomai*, que significa a ação de observar. Já para os filósofos clássicos, teoria significaria o resultado da observação.
- Para Karl Popper (1902-1994), teoria seria “a maneira intelectual por meio da qual racionalizamos, explicamos e dominamos o mundo”.

Algumas palavras sobre Metodologia

A segunda palavra-chave de nosso curso é metodologia. O primeiro sentido dicionarizado desta palavra é proveniente da Grécia Antiga e quer dizer: “o caminho que se emprega para se chegar a um fim determinado”. Por exemplo, podemos imaginar chegar a Belo Horizonte partindo do Rio de Janeiro pela rodovia BR040 - o que é possível e legítimo. Entretanto, esse caminho é o melhor para quem viajar de automóvel. Mas é também possível fazer a mesma viagem de avião e o percurso e o tempo gasto serão outros.

Muitos que viajam de automóvel falam que a viagem de carro é mais prazerosa, pois se pode observar melhor, em detalhes, as cidades do percurso. Quem viaja de avião, pode ver tudo de uma perspectiva impossível para quem viaja de automóvel, do alto, embora não com tantos detalhes.

Percebam, então, que existem duas metodologias para realizar a mesma coisa, condicionadas por preferências pessoais, marcadas por diferentes tecnologias e caracterizadas por possibilidades de observação distintas do mundo ou de uma parte dele.

Por isso, devemos perceber que a metodologia é uma parte importante da ciência que fala de suas práticas e técnicas, e que não está preocupada apenas em “fazer ver”, como a teoria, mas sim em “como fazer”, como no caso de uma hipotética viagem entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Nessa disciplina, portanto, estudaremos quais as principais teorias que os historiadores de determinados períodos estabeleceram para fazer ver certas partes do passado, bem como buscaremos entender, seletivamente, quais as diferentes práticas, ou metodologias, empregadas pelos historiadores para escreverem suas histórias, fazerem suas pesquisas e apresentarem seus resultados.

Para Lembrar:

- Em grego antigo, *méthodos* significa “o caminho para se chegar a um fim”.
- A Metodologia é um conjunto de procedimentos técnicos voltados à realização de uma tarefa ou à resolução de problemas.
- Se a teoria está preocupada em como “ver (saber)”, a metodologia está preocupada em como “fazer”.

**Estudaremos neste semestre:**

Como os homens de determinados períodos buscaram entender o processo histórico (teoria – ver/saber a História)

De que forma eles escreveram História (metodologia – fazer/escrever a História)

A História na França do Século XVI: a orientação humanista

Voltando ao tema da aula, vamos começar com o século XVI. Nesse período, a principal força motriz da transformação cultural e intelectual europeia era aquele proveniente do Renascimento. O Renascimento ficou marcado pela preocupação programática de recuperar elementos culturais provenientes do mundo greco-romano, principalmente a ideia de que “o homem era a medida de todas as coisas”, como um antídoto aos séculos de domínio da igreja católica e de sua valorização das “coisas divinas”.

Sabemos que os renascentistas foram influenciados pela escultura e arquitetura greco-romanas, que também influenciaram o pensamento histórico moderno. Por conta dessa relação com as coisas greco-romanas, os pensadores e escritores do renascimento recuperaram a ideia de que a História deveria tratar dos grandes fatos políticos, como Tucídides, que narrara a Guerra do Peloponeso, ou Políbio, que descrevera a vitória romana sobre o mundo antigo.

Se a historiografia antiga se preocupava com a afirmação ou celebração da ordem de Roma ou das cidades-estado gregas, os pensadores do renascimento preocuparam-se em celebrar ou afirmar a autoridade do Estado Moderno com seus príncipes e reis.

Outra influência do mundo greco-romano para a História do século XVI foi a da retórica. Como dizia Aristóteles, a retórica era a arte que não tinha outro objetivo que não o convencimento. Foi com a retórica que Péricles, no século V a.C., garantiu - usando livremente belas palavras, como diziam os cronistas - que Atenas permanecesse em guerra contra Esparta, com o apoio da população ateniense.

A História do século XVI na Europa era influenciada pela cultura greco-romana, centrada no Estado como principal evento político, e ordenada não por grandes metodologias de pesquisa ou teorias mas pela retórica como estratégia de convencimento.

- No rastro do Renascimento, a História também promoveu uma apropriação seletiva do passado greco-romano
- Influenciada pelo projeto de instauração do Estado, a História era centrada nos fatos políticos e em seus grandes personagens
- Fortemente influenciada pela retórica, a História buscava prender a atenção do leitor por meio de recursos literários.





Um exemplo de Historiador Humanista



Nicolau Maquiavel, em pintura de Santi di Tito, de meados do século V. Imagem retirada de <http://2.bp.blogspot.com/-mHi26YiqNOQ/TVVWey1kyKI/AAAAAAAAABA/jcxhjC0Xbi0/s1600/maquiavel.jpg>, acessado em 25/07/2011

Um exemplo de Historiador Humanista **Nicolau Maquiavel** escreveu a História de Florença, em 1525, fortemente influenciado pelo humanismo renascentista e engajado no projeto de Estado Florentino

A principal figura dessa História humanista foi Nicolau Maquiavel, conhecido principalmente por sua obra *O príncipe*, onde ele especula acerca da formação de um Estado Italiano sob a condução de um governante forte, o Príncipe. Maquiavel também escreveu uma História de Florença que ofereceu uma pintura da história da república italiana desde sua participação na história europeia até a morte de Lorenzo, o Magnífico.

Podemos dizer que o protótipo da história política que toma como fator ordenador a biografia de um grande estadista, organizada a partir dos exemplos da antiguidade e construída retoricamente, tem em Maquiavel um de seus principais pensadores modernos.

A História na França do século XVI: a história perfeita

Entretanto, há outra variável determinante na construção da História do século XVI, a chamada "história perfeita". Em contraste à história humanista influenciada pela antiguidade e pela retórica, a *história perfeita* buscou estabelecer critérios de averiguação e confiabilidade de seu relato pelo recurso a dois campos de conhecimento e de prática muito importantes da época: a filologia e a retórica.

A filologia foi uma referência muito importante para a História na modernidade, principalmente pela concepção limitadora de que ela trataria das sociedades que dominavam a escrita. Por outro lado, a filologia, como o estudo dos documentos e textos antigos escritos e de sua transmissão, influenciou a História com sua prática de análise dos textos manuscritos na tentativa de livrá-los dos erros dos copistas e decidir se uma cópia era legítima ou não.

Dessa forma, a História teria de ser escrita a partir de documentos legítimos, e não de documentos alterados pelos copistas. Além disso, a jurídica, como a ciência do direito, preocupada com provas e refutações ao se decidir acerca de uma causa ou crime, também influenciou bastante a escrita da História no século XVI.

Um exemplo da jurídica aliada à filologia é o da crítica da Doação de Constantino pelo Erudito Lorenzo Valla no século XV. Lorenzo afirmou que o texto onde o antigo imperador Constantino teria reservado todo o Império Romano do Ocidente para a Igreja Católica era falso. Lorenzo Valla encontrou termos anacrônicos, como a palavra oriental *sátrapa* em referência ao Senado Romano, em um documento romano, o que provaria que o texto era falso. Nesse momento, a História age como um tribunal, em busca de provas e evidências que poderiam legitimar uma versão em detrimento de outra. No caso da História da França do século XVI, esse conjunto de ideias se organizaria para escrever a história dos reis franceses.

Para lembrar:

- **Filologia:** uma ciência capaz de realizar a análise crítica dos textos.
- **Jurídica:** Falso e verdadeiro, prova e refutação nos documentos da Igreja e do Estado
- **O Poder Real:** uma história das nascentes nações europeias.



Exemplo da História Perfeita

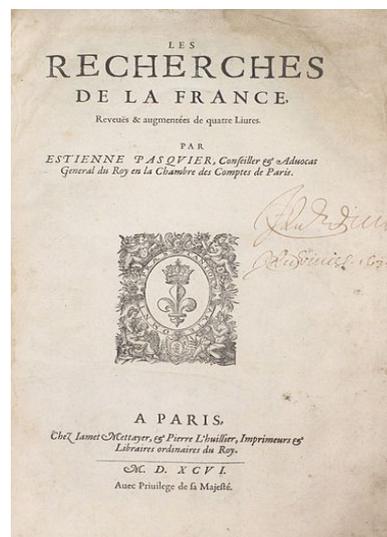
Um dos principais personagens da História Perfeita francesa foi Étienne Pasquier. Voltado à versão de uma história preocupada com o uso de documentos legítimos reconhecidos pela filologia e que organizasse provas em favor de uma versão do passado que pudesse, naquela concepção, sobreviver ao tribunal dos críticos e juristas, ele escreveu suas Pesquisas da França, em 1596. Percebam que o autor descreve sua obra como uma *pesquisa*, e não como um *relato*, denotando uma mudança metodológico fundamental em relação à História Humanista.

Além disso, é importante ressaltar que Étienne Pasquier foi um dos primeiros autores modernos a buscar se desvencilhar de referências histórico-genealógicas do passado greco-romano, evidenciando em sua obra que o passado da França estaria no território francês, e não entre os gregos e troianos, como muitos fizeram antes dele.

O literato e jurista francês **Étienne Pasquier** aplicou os métodos da dita História Perfeita francesa ao escrever sua obra *Pesquisas da França*, em 1596. Ele buscou “dizer somente aquilo que se pudesse provar” e buscou as origens da França não entre os gregos e troianos, mas entre os antigos gauleses.



Étienne Pasquier, em Retrato feito por Thomas de Leu em meados do século XVI. Gravura de http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:%C3%89tienne_Pasquier_by_Thomas_de_Leu.jpg, em 25/07/2011



Fac-símile da obra *Pesquisas da França*, de Étienne Pasquier, retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Lombards_Library_020.jpg, acessado em 25/07/2011



O século XVII: da história literária à história erudita

- O Gênero Encomiástico
- Biografia e História: a construção da glória dos reis da França
- Autenticidade como algo garantido por uma autoridade
- A História como Disciplina
- A análise interna do texto como garantia de autenticidade
- Surgimento das ciências ditas auxiliares: numismática, epigrafia, sigilografia, paleografia...

Os eruditos da França do século XVII exploraram as possibilidades abertas pelo século que os precedeu em duas direções principais: desenvolvendo o gênero encomiástico, por um lado, e estabelecendo o campo disciplinar da História científica, por outro.

O gênero encomiástico irá continuar o caminho aberto pela História Humanista, celebrando a figura dos grandes monarcas e desenvolvendo sobre eles um elogio biográfico. Mais interessante para nós, agora que nos debruçamos sobre os desenvolvimentos da Teoria e da Metodologia da História, é entender como a História como disciplina começou a se estabelecer na França do século XVII.

Nesse sentido, a História como disciplina continuou a estrada aberta pela Filologia, consolidando as ciências auxiliares. Por isso, as contribuições dos interessados por antiguidades, ou dos chamados Antiquários, foi fundamental. Foram eles que desenvolveram, por exemplo, a preocupação de datar os períodos e as grandes personagens da história pelas moedas antigas: elas sempre traziam a figura de um grande imperador e a data de cunhagem da moeda. Assim se formou a numismática, o estudo das moedas e de suas características intrínsecas. Há inúmeras técnicas que se desenvolveram nesse período, e cabe a você procurar nos dicionários e enciclopédias o que significavam e como eram organizadas a sigilografia, a epigrafia, etc.

Outra palavra sobre o estudo dos documentos ainda é necessária. Vimos que desde Lorenzo Valla, no século XV, que a crítica do documento contribuiu para o desenvolvimento da análise filológica dos documentos. A isso se chamava crítica interna, pois era voltada ao estudo dos termos, vocabulários, sintaxes e estilos do texto, para conferir se ele tinha sido escrito por uma só pessoa em determinado período ou se tinha sofrido modificações, por exemplo.

No século XVII, os eruditos continuaram a desenvolver esse método, além de buscar estabelecer outro método de estudo dos documentos voltado à análise das suas características materiais. Tal crítica, chamada de externa, não tratará das características linguísticas do texto, mas sim de seu substrato, a tinta empregada, a encadernação, arranjo em códice ou pergaminho empregado.

Por exemplo, se um antiquário lhe entregar uma estátua como se fosse do Aleijadinho, mas você constatar que ela é feita de durepóxi, poderá estabelecer que é falsa. O mesmo passou a ser empregado no que diz respeito aos documentos: saberíamos que um texto encadernado em livro com brochuras não poderia ter sido elaborado na Grécia Antiga, pois eles produziam seus livros em pergaminhos. Perceba que tal crítica se refere não à veracidade do texto, mas sim do documento.

Até hoje temos formas de averiguar se um documento é verdadeiro ou falso, como quando reconhecemos em cartório uma assinatura ou cópia de documento. Uma carta que descreve a data correta em que nascemos, por exemplo, não é

um documento autêntico, embora possa descrever uma verdade. Para a crítica documental do século XVII, um documento autêntico que descrevesse uma data de nascimento seria uma certidão de nascimento registrada em cartório, como aquela que os motoristas de ônibus ou agentes de alfândega solicitam quando viajamos com menores de idade.

Exemplo da História Erudita

Um personagem chave dessa vertente da História como disciplina, preocupado com os documentos autênticos, analisados pela crítica interna e externa, que possibilitariam escrever uma História Oficial sobre o passado, é o Monge beneditino Jean Mabillon, que fundou a diplomática e a paleografia e escreveu um tratado denominado *Sobre a Diplomática*, em 1681.

O **Monge Beneditino Jean Mabillon** foi um erudito e historiador francês. Considerado o fundador da paleografia e da diplomática, ele estabeleceu, em seu livro *Sobre a Diplomática*, de 1681, o método de análise documental que observa o suporte, a escrita, a tinta, os títulos e expressões, as datas e os selos como critérios de autenticidade de um documento.



Jean Mabillon, em gravura retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Jean_Mabillon.JPG, acessado em 25/07/2011



Fac-símile da obra *Sobre a Diplomática*, de Mabillon. Imagem retirada de <http://www.encyclopedie-universelle.com/mabillon-de-re-diplomatica-%20livre1er-pm.jpg>, acessado em 25/07/2011



Louis XIV, em retrato executado por Hyacinthe Rigaud em 1701. Imagem retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Louis_XIV_of_France.jpg, acessado em 25/07/2011.



Frontispício da Enciclopédia Iluminista, de 1722. Desenho de Charles-Nicolas Cochin e gravação de Bonaventure-Louis Prévost. Imagem retirada de http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Encyclopedie_frontispice_full.jpg, acessado em 25/07/2011.

O Século das Luzes ou a impossível reconciliação entre erudição e filosofia: a Europa e suas ideias na passagem do XVIII

Antes de entrarmos no século XVIII e tratarmos das principais características da ciência histórica desse período, vejamos algumas de suas características intelectuais e políticas.

Devemos lembrar que o século XVIII assistiu ao ápice e à queda da monarquia absolutista francesa. O século XVIII francês é chamado por muitos estudiosos de Antigo Regime, caracterizando-se que, em 1789, com a Revolução, abria-se um novo território de possibilidades políticas e culturais. De toda forma, é importante lembrar que o Antigo Regime legou ao futuro a estrutura burocrática do Estado, as instituições de controle e muitas de suas ciências e mentalidades.

O século XVIII é também o período de consolidação das ciências da classificação, como o sistema de Lineu que colocava, a partir de critérios pretensamente objetivos, cada indivíduo da flora e da fauna em seu lugar numa estrutura global. Tal forma de classificar vai ter profunda influência na sociedade, inclusive marcando a História, que também vai estabelecer hierarquias e classificar os sujeitos e os documentos.

Finalmente, devemos lembrar que o século XVIII é o século do Iluminismo, da confiança na razão como promotora do progresso, da confiança de que alguns pensadores, como Rousseau e Voltaire, tinham de que a filosofia e a educação poderiam contribuir para tirar o homem da condição de sujeito e transformá-lo em cidadão.

É importante lembrarmos desse contexto em que o século XVIII está mergulhado antes de avançarmos, pois a História não foi produzida no vácuo, mas esteve sempre condicionada pelas experiências dos sujeitos que a escreveram.

O Século das Luzes ou a Impossível Reconciliação entre Erudição e Filosofia (A Verdade Pela Acumulação Descritiva)

Dentre alguns dos caminhos possíveis seguidos pela História no século XVIII, devemos primeiramente falar da erudição. Podemos dizer que uma das preocupações dessa noção de História era acumular uma grande quantidade de informações acerca de um mesmo tópico, não priorizando necessariamente



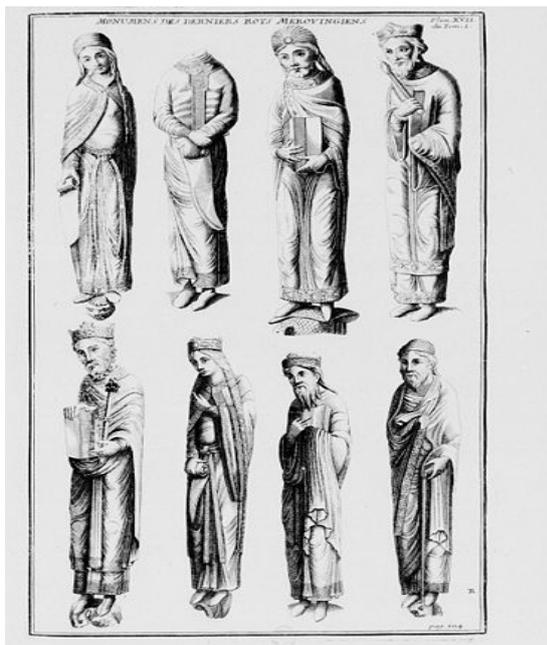
Fac-símile de página do livro de Carl Lineu, *Classes Plantarum*, de 1738. Imagem retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Hortus_Cliffortianus_folia_compos.png, acessado em 25/07/2011.

documentos escritos. Um exemplo característico dessa concepção é o monge beneditino Bernard de Montfaucon, que escreveu, no século XVIII, entre outras obras, *Os monumentos da Monarquia Francesa*, em vários volumes.

Uma das principais preocupações de Montfaucon era entender que também os objetos e obras arquitetônicas eram documentos. Em certo sentido, tais objetos e construções antigas eram explorados pelo seu caráter ilustrativo, quase comprobatório dos textos e documentos escritos (se um texto, documento ou autoridade não explicasse o que era um vaso grego ou uma casa de banhos romana, nada se poderia dizer sobre ele além do óbvio).

Mas Montfaucon contribuiu bastante para a criação do espírito da História do século XVIII, de uma de suas características científicas: a densidade descritiva. Quanto mais documentos eu tiver sobre um período, rei ou Estado, mais e melhor eu poderei falar sobre ele, e melhor também será minha história - pensavam os eruditos do século XVIII. Veremos mais adiante que essa confiança não se justifica, pois é possível escrever histórias parciais, tendenciosas e equivocadas mesmo com muitos documentos e contando com a “boa-fé” do historiador.

De toda forma, vale lembrar que essa preocupação de Montfaucon de retratar gravuras e imagens dos objetos da antiguidade nada mais é que uma continuação da crença de que a História constrói um conhecimento que toma como critério de confiabilidade a visão, explorando, dentro daquele espírito de época, uma de suas suas facetas teórico-metodológicas mais marcantes.



Fac-símile de *Os Monumentos da Monarquia Francesa*, de Montfaucon. Gravura retirada de http://commons.wikimedia.org/wiki/File:St_denis_montfauconC.jpg, acessado em 25/07/2011.

Para lembrar:

- O monge beneditino Bernard de Montfaucon escreveu *Os Monumentos da Monarquia Francesa* (1729-1732).
- Sua obra apresentava mais de 30.000 ilustrações, ordenadas cronologicamente, que acompanhavam testemunhos literários e documentais.
- Seu objetivo era mostrar que textos, esculturas e pinturas podiam “fazer ver” as particularidades da nação francesa, seus costumes e mentalidades.





O Século das Luzes ou a impossível reconciliação entre erudição e filosofia (A verdade pela construção intelectual)



Voltaire, com 24 anos, em retrato de Nicolas de Largillière. Imagem retirada de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Voltaire.jpg>, acessado em 25/07/2011.

Finalmente, devemos falar da preocupação de alguns intelectuais franceses do século XVIII de entender o historiador como mais do que alguém preocupado com a catalogação e seleção dos documentos. Para alguns dos iluministas, o especialista no passado deveria também elaborar ideias acerca de “como” e “porque” o passado mudou. A explicação, portanto, seria tomada como projeto, vista como uma contribuição maiúscula da filosofia iluminista para o espírito da História.

Nesse contexto, o personagem chave é François Marie Arouet, o Voltaire, célebre filósofo francês. Em um período em que a história se construía como disciplina erudita, ele ressaltou a importância da reflexão do historiador, de seu papel autoral na escrita das narrativas sobre o passado. Em uma metáfora, é como se fosse requisitado ao historiador que abandonasse o papel de sujeito dos arquivos e se preparasse para o de cidadão da história.

Voltaire também se preocupou em definir a História como a disciplina que tem como um de seus objetivos estabelecer o que é falso ou verdadeiro acerca do passado, com a ajuda dos documentos e da reflexão intelectual. Também a orientação de uma História Temática - tão ao gosto dos historiadores franceses posteriores, não apenas ordenada como um relato cronológico - foi levada adiante por ele, privilegiando as estruturas sociais, econômicas e culturais do período retratado.

Para lembrar:



- **Voltaire (1664-1778) defendeu que a História teria como critério principal dirimir entre o falso e o verdadeiro acerca do passado.**
- **Para ele, não seria suficiente recensear os documentos, pois o historiador deveria também oferecer uma reflexão sobre a evolução das sociedades.**
- **Sua obra O Século de Luís XIV (1751), afastou-se do modelo de uma história dos grandes acontecimentos em favor de uma história estrutural que integrasse economia, artes, ciências e costumes.**

Considerações Finais (questões centrais da 1ª aula)

Bem, chegamos ao final dessa primeira unidade. Gostaria que você refletisse e buscasse respostas para essas questões.

- Quais as influências do humanismo na escrita da História?
- Como a História como disciplina estabeleceu seu aparato de Erudição?
- Quais as relações entre a História como disciplina e o Estado Moderno Absolutista?
- De que forma o ideário iluminista contribuiu para o desenvolvimento de uma filosofia da História?



Perceba, o conhecimento é algo que só se produz quando é processado por nós mesmos. Há muito mais informações no texto desta aula e o principal desafio é seu: leia o texto, enfrente as dúvidas sozinho, pesquise, elabore os pontos centrais do texto para você também ter autoridade sobre o assunto. O que tivemos nessa aula foi só um ponto de partida pra você.

Ah! Não esqueça de procurar nos dicionários e enciclopédias as definições e informações adicionais sobre os termos e personagens estudados aqui.

Bom trabalho!

Tarefa e Função de uma Teoria da História

Olá, Pessoal.

Bem-vindos. Essa é a nossa segunda aula de Teorias e Metodologias da História I. Vimos na aula passada o processo de constituição da História como ciência na modernidade, partindo do século XVI e culminando no século XVIII, com o estabelecimento do aparato de erudição da disciplina e com a preocupação iluminista de pensar o processo histórico a partir de uma filosofia da História.

Neste capítulo, nos deteremos em algumas questões próprias ao conhecimento histórico, a partir de uma discussão contemporânea. Discutiremos qual a racionalidade da História. O que torna nossa disciplina possível? É possível falar apenas de uma história acadêmica ou podemos dizer que pensar historicamente é algo próprio do homem? O que distingue esses dois campos? O que distingue a História como campo especializado do senso comum?

Espero que todos tenham feito os exercícios da aula passada e que já tenham realizado uma primeira leitura do texto referência deste capítulo. Se essas tarefas já foram cumpridas, a compreensão da aula e a resposta às perguntas que colocamos será possível. Vamos começar?

Texto referência: RÜSEN, Jörn. *Tarefa e função de uma teoria da história*. In: *Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UNB, 2001. p. 25-51.

Nesta aula estudaremos:

- O objeto da Teoria da História
- O significado da Teoria da História para o estudo, a pesquisa e a escrita da História
- O significado da Teoria da História para a formação histórica

O texto do capítulo “Tarefa e Função de uma Teoria da História”, do livro *Razão Histórica*, publicado originalmente em 1983, foi escrito pelo historiador Jörn Rüsen. Rüsen. Ele é um historiador alemão, nascido em 1938, e que trabalha hoje na Universidade de Witten. É especialista em Teoria e Filosofia da História, com mais de 10 livros publicados sobre o assunto. Ele representa uma tradição de interpretação e estudo da História que acredita haver uma racionalidade (um sentido, um progresso) que caracteriza o nosso processo histórico, e que tal racionalidade pode ser apreendida pelos historiadores que buscam analisar as sociedades e suas transformações no tempo.

O capítulo que estudaremos busca discutir quais os fundamentos da Razão Histórica que organizam a dita disciplina histórica, com suas pretensões de cientificidade, sem deixar de levar em consideração a consciência humana, que também estabelece uma relação com o mundo e com a memória por critérios históricos.

A História e as pessoas em geral

Veja bem, a História não é prerrogativa dos especialistas, pois todos nós situamos nossas experiências no tempo. Por exemplo, alguém com 40 anos ou mais pode dizer: “quando eu era pequeno, não havia computadores e brincávamos ao ar livre!” Pode se seguir a essa afirmação uma consideração ou juízo resultante da comparação com o presente, afirmando-se que as crianças de hoje não conhecem mais o mundo, pois vivem sentadas em seus computadores. Só nessas duas frases foi possível relacionar uma experiência pessoal com a do grupo, fazendo distinções entre dois períodos de tempo distintos.

Temos, dessa forma, uma consideração histórica, racionalmente elaborada (independentemente de ser correta ou não), feita por uma pessoa comum! Por conta disso, nossa sociedade dá muita importância à História. Não é por acaso que existem hoje diversos programas de televisão que têm a História como tema. Se as pessoas em geral, os não especialistas, avaliam a si mesmos e o mundo em critérios históricos, qual a especificidade da disciplina histórica? Já vimos alguns ao discutir o desenvolvimento da disciplina histórica na modernidade. Agora, estudaremos essa racionalidade científica da História, e o que a distingue do sentido histórico vulgar, com o texto de Jörn Rüsen!

O objeto da Teoria da História

Uma disciplina, argumenta Rüsen em seu texto, deve elaborar uma reflexão acerca de si mesma, como se buscasse elaborar uma resposta para a máxima délfica tão conhecida por meio do filósofo Sócrates: “conhece-te a ti mesmo”. Dessa forma, podemos dizer que a História como disciplina deve também conhecer-se a si mesma: só esse conhecimento refletido, pensado e analisado de uma disciplina que tem consciência de seus fundamentos, de seus pressupostos, métodos, instrumentos e especificidades é que constitui hoje a ciência histórica.

Dessa forma, devemos entender que a Teoria da História é não apenas um ramo especializado da História, como parte fundamental do campo da disciplina. É, nesse sentido, buscando entender como o conhecimento histórico se constitui, desde sua relevância para os homens em geral até o desenvolvimento das pesquisas e publicações de livros especializados, que Rüsen identificou cinco elementos que comporiam a Matriz Disciplinar da História: os interesses, as ideias, a metodologia,



O Programa Terra de Minas, da Globo Minas, é um programa popular na televisão. Seus temas são na maioria sobre a História e a Tradição de Minas Gerais. Imagem retirada de <http://www.tvglobodigital.com/files/images/1a88106922963b374a2f91d0580d665d.jpg>, acessado em 08/08/2011.



O Encontro de Neo com o Oráculo, no filme Matrix (1999). Nessa cena, o Oráculo aconselha Neo a “conhecer-se a si mesmo” para decifrar os segredos da Matrix. Imagem retirada de <http://www.imdb.com/media/rm2858391808/ch0000765>, acessado em 08/08/2011.



Cena do filme *Vanilla Sky*, onde o personagem David Aames, interpretado por Tom Cruise, inventa uma experiência a partir de uma imagem de sua memória. Imagem retirada de http://2.bp.blogspot.com/_sHMox7JfrQM/TC0Ta5puC7I/AAAAAAAAA5k/p7be7zFqnw4/s400/vanilla_sky.jpg, acessado em 08/08/2011.

a apresentação e as funções da História.

Primeiramente, para ele, deveríamos ter em conta que a origem da preocupação humana com a História é fruto de uma carência por sentido que as pessoas em geral têm ao tentarem compreender seus destinos e a mudança das coisas, como o envelhecimento e a morte, assim como as modificações promovidas pela passagem do tempo. Nesse sentido, a ciência

histórica, como a disciplina que conhecemos, seria uma resposta, a solução de um problema, uma forma de satisfazer uma carência pela história. A essa carência, podemos dar o nome de "interesse", entendendo-o como a forma a partir da qual os seres humanos, por meio de suas memórias ou da compreensão do passado, lidam com o seu presente e projetam o seu futuro. No filme *Vanilla Sky*, por exemplo, o personagem interpretado por Tom Cruise dá forma à suas experiências por meio de imagens do passado, copiando coisas e lembranças que ele nem viveu para se esquecer de seu passado trágico, como a capa de um disco de Bob Dylan, de 1963.

Metodologia: os procedimentos e materiais da História

Para além desses fatores pré-científicos, o conhecimento histórico transforma-se em ciência propriamente dita por conta da experiência concreta

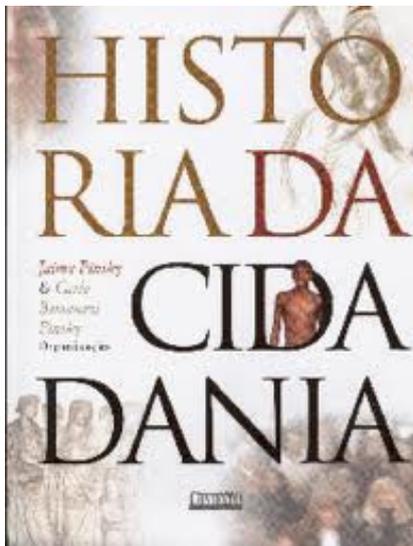


Pesquisadores manuseiam documentos na Torre do Tombo, em Portugal. Imagem retirada de http://www.exercito.gov.br/image/journal/article?img_id=310854&t=1294689496514, acessado em 08/08/2011

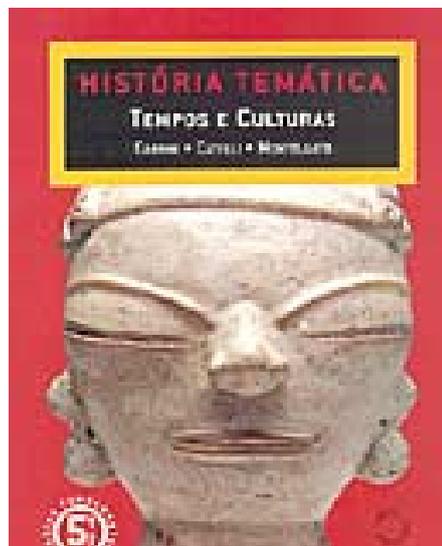
do passado, pela pesquisa com procedimentos metódicos e pelo contato sistemático com conteúdos empíricos. A esses elementos podemos denominar de *metodologia* e eles definem a disciplina histórica como um domínio prático que aspira à cientificidade. Podemos dizer, para citar um exemplo, que, para Mabillon, a metodologia de trabalho que caracterizaria a História como campo científico seria o conhecimento minucioso dos documentos e o reconhecimento de sua autenticidade por meio de uma análise criteriosa. Percebam que, nesse contexto, os franceses do século XVII poderiam continuar a confiar cegamente que o rei da França seria ungido por Deus, como afirmavam os defensores do absolutismo monárquico, organizando, de forma pré-científica, os interesses e as ideias acerca do tema naquele período. Mas com o uso da diplomática, essa concepção poderia ser alçada ao status de verdade, ou discutida cientificamente, pela metodologia da época.

Apresentação: As formas narrativas que comunicam a História determinam seu público-alvo e a utilidade do texto em História

Outra característica da História, em seu círculo virtuoso para se constituir como ciência, diz respeito às formas de apresentação. Em uma palavra, devemos lembrar que a mítica Guerra de Tróia foi narrada em versos épicos, enquanto a História de Heródoto foi vertida em prosa, caracterizando a disciplina científica como aquela que se serve de forma narrativa apropriada a partir da qual seu conteúdo exerce a função de responder à pergunta lançada pelo interesse histórico que deu origem a ela. Devemos lembrar aqui duas formas narrativas importantes para a consolidação da História como disciplina e de sua função social. Primeiro, a monografia, trabalho tipicamente científico, que se organiza a partir de critérios de demonstrabilidade e com regras científicas, próprio do domínio especializado da História como campo de pesquisa. Em segundo lugar, poderíamos lembrar do livro didático com uma linguagem mais acessível e a função de formar cidadãos por meio do conhecimento acerca do passado. Essas duas narrativas são exemplos de como as formas de apresentação são determinantes acerca do que se pretende com o conhecimento histórico e qual a importância atribuída a ele.



Volume História da Cidadania, contendo artigos acadêmicos, organizado por Jaime Pinsky e Carla Bassanezi. Editado pela Editora Contexto. Imagem retirada de http://www.livrus.com.br/site/covering/8572442170_1.jpg, acessado em 08/08/2011.



Volume do 5º ano da série História Temática, escrito por Roberto Catelli, Andrea Montelato e Conceição Cabrini e editado pela Scipione. Imagem retirada de http://www.livriariascuitiba.com.br/Imagens/Livros/Zoom/LV098369_Z.jpg, acessado em 08/08/2011.

Funções: a História, em seu ciclo, cumpre um papel existencial

É nesse sentido que, para Rüsen, a História cumpre seu papel existencial, quando perfaz o ciclo que a iniciou, partindo dos interesses dos homens até se formalizar como narrativa. Digamos que esse círculo recoloca a História, agora como historiografia (História escrita), como um produto que responde a uma demanda e que cumpre, finalmente, uma função social e existencial para um tipo de sociedade que se organiza a partir de critérios históricos.

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), que escreveu uma *História Geral do Brasil*, preocupado com a identidade nacional brasileira e com as origens coloniais do país, é um exemplo dessa característica da História. Ele serviu a essa demanda existencial da História, buscando definir sua especificidade nacional.



Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) escreveu uma *História Geral do Brasil*, preocupado com a identidade nacional brasileira e com as origens coloniais do país. Imagem retirada de http://www.uel.br/prograd/maquinacoes/imagens_maq/varnhagen.jpg, acessado em 08/08/2011

O objeto da Teoria da História: A matriz disciplinar da História, segundo Rüsen



Percebam que esse ciclo se reproduz indefinidamente, pois as questões postas pelo interesse na história ou novas ideias acerca de qual o sentido do passado podem mudar o contexto a partir do qual se organiza a metodologia e as formas de apresentação da História. Também em diversos contextos, a função da História foi radicalmente alterada pela concepção do que era a sociedade e a

partir de qual ideia deveria se organizar a narrativa do passado.

Se lembrarmos que, para Mabillon, a história era a serva dos documentos oficiais e que deveria atestar a autenticidade de uma história que elogiaria o rei, veremos quão diferente ela foi de uma concepção marxista que entendia que a História era a história da luta de classes.

Por isso é que a escrita da História é um contínuo refazer-se e repensar-se promovidos pela necessária relação dialógica entre os elementos que estão colocados entre os dois lados da linha tênue que separa a Matriz Disciplinar da História em duas: a vida prática e a ciência especializada. Poder-se-ia dizer que essa é a face mundana da História como disciplina, que a caracteriza tanto como um espaço de luta (entre os defensores do absolutismo e os entusiastas da revolução, por exemplo, que escreveram narrativas diferentes sobre o mesmo contexto), quanto como disciplina acadêmica sempre aberta a novos desafios.

O significado da Teoria da História para o estudo, a pesquisa e a escrita da História

A consciência acerca da Matriz Disciplinar da História é o resultado do exercício autorreflexivo da História como disciplina, próprio da Teoria da história. A esse respeito, é importante ter em conta que o campo da Teoria da História não é necessariamente uma área separada da História, com aspirações à autonomia, embora as disciplinas de teoria sejam, por questões didáticas, muitas vezes ministradas separadamente daquelas que abordam os “períodos históricos”.

Como propõe Rüsen, a teoria da História é parte integrante da História como um todo e vem contribuir substantivamente para a consolidação de seu campo disciplinar. No que diz respeito ao estudo da História, é possível enumerar algumas contribuições da teoria da História para o Estudo da História, a saber:

A teoria da História tem a função didática de introduzir corretamente os iniciantes no estudo da História, apresentando de forma ordenada os fundamentos da disciplina.

Ela exerce o papel de coordenação entre diferentes disciplinas, pois, como já vimos, a História como ciência conta com contribuições de diversas áreas, como os estudos de línguas e a filosofia, para só citar as mais evidentes.

A ela recai a responsabilidade de exercitar nos alunos o diálogo entre os campos mais objetivos, controlados pela metodologia (como a leitura de documentos ou a contabilidade estatística), e os subjetivos, como aqueles ditados pelos interesses humanos e pelas motivações e escolhas ideológicas, sem as quais a História nada mais seria que uma enumeração de documentos.

Tendo em vista a diversidade de fontes utilizadas pelos historiadores hoje (documentos escritos, gravuras, objetos) é também uma incumbência da teoria da história estabelecer metodologias e formas de seleção, catalogação e tratamento histórico à diversidade documental disponível ao estudo da História.

Contribuir para a capacidade de reflexão e seleção dos temas e documentos pesquisados, colaborando para que o resultado do estudo e/ou pesquisa seja mais autoral que enumerativo.

À teoria da história cabe, segundo Rüsen, o papel de levar o estudioso da História a estabelecer uma relação entre o domínio especializado e a vida humana concreta, evitando que ele se “isole numa torre de marfim”, deixando de levar adiante a “função existencial da História”, com seus laços na inquietações e demandas sociais.



O significado da teoria da História para a formação histórica

Se o processo de constituição de um conhecimento especializado em História não pode prescindir de elos com a vida prática, com os interesses e ideologias pré-científicos, percebe-se que a Teoria da História também está enraizada na vida prática, de quem ela se nutre necessariamente durante o processo de constituição do conhecimento. Tal dimensão é perceptível principalmente se levarmos em conta que a história é um campo de conhecimento formado não apenas pelos especialistas das academias, licenciados e bacharéis, mas pelas pessoas em geral, que - como já vimos - dão sentido às suas experiências por meio da História.

Curiosamente, de uma forma ou de outra, não há sociedade ocidental moderna que não organize a formação e a educação de seus jovens sem um currículo que contemple, em alguma medida, conteúdos de História. Dessa forma, a Teoria da História está implicada nesse processo, pois ela é responsável pela formação dos profissionais da História, professores e pesquisadores. Podemos dizer, assim, que um bom professor de história é aquele capaz de estabelecer um conhecimento reflexivo acerca do passado. Muito mais nos dias de hoje, onde a catalogação de dados ou memorização de nomes e datas é mais uma prerrogativa das máquinas que dos homens. Por isso, cabe ao historiador levar adiante o conhecimento crítico e interpretativo, fundamental inclusive em sala de aula.

Lembre-se disso quando for estudar Teoria da História: por mais que você não vá discutir os grandes historiadores com seus alunos do Ensino Fundamental ou Médio, você será capaz de dominar os conteúdos de forma muito mais autônoma, muito mais autoral, se tiver uma sólida formação em Teorias e Metodologias. Mas lembre-se: existe também um campo especializado na Didática da História, que será objetivo de uma disciplina à parte a ser estudada no futuro.

Atividades Encaminhadas

Lembre-se de rever os pontos principais desta aula, principalmente após a releitura do texto-referência. Reveja os pontos que formarão o conhecimento histórico de acordo com Rüsen: interesses, ideais, metodologias, formas de apresentação e função existencial. São eles os pontos centrais do texto. Faça você mesmo um esquema com esses cinco pontos e escreva um resumo com suas próprias palavras descrevendo cada um desses elementos e suas inter-relações. Além disso, você se lembra das questões que lançamos no início da aula? Retome-as e esboce uma resposta para cada uma delas.

Lembre-se, esta aula é só um ponto de partida. Contar só com ela para dominar o assunto é o mesmo que trocar a escalada de uma montanha por um cartão postal de seu ponto mais alto. Apenas quem fez todo o percurso e viveu a escalada é que pode descrever, com autoridade, o que viu lá de cima. Não perca a oportunidade de ler o texto dentro do cronograma e consolidar o que você está aprendendo até aqui: se você cumprir essas etapas, o aprendizado será mais fácil e logo você estará habilitado para maiores desafios.

As filosofias da História do século XVIII

Olá, Pessoal.

Bem-vindos à nossa terceira aula de Teorias e Metodologias da História I. Vimos na aula passada uma discussão geral acerca da Matriz Disciplinar da História e da validade de uma Teoria da História para a formação da História como disciplina. Vimos, inclusive, as filiações mundanas do pensar histórico, suas ligações com a vida prática, estabelecendo o conhecimento em História como uma forma de pensar não isolada em uma “torre de marfim”, mas em contato com a experiência humana.

Nesta parte do curso, estudaremos as linhas gerais do pensamento de três importantes filósofos que se dedicaram ao estudo da filosofia da História. A Filosofia da História é, entre outras coisas, o conhecimento especulativo acerca da mudança ao longo do tempo experimentada pelos homens, ou seja, pela natureza. Em uma palavra, estudaremos aqui como se formalizou um conhecimento acerca do devir histórico e como determinados pensadores, em períodos específicos, pensaram o processo histórico. Quais as leis que ordenam a constituição e ordenação das nações? Como o homem saiu do estado primitivo para a civilização?

São algumas das perguntas, muitas delas equivocadas e reducionistas (hoje criticadas), que foram lançadas por estes pensadores e que nós estudaremos agora para entender suas “filosofias da História”. Para isso, é importante que você tenha feito a leitura dos textos reservados para esta aula de hoje. Vamos lá?

Textos-referência: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. de Vítor Matos e Sá. 4ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. Capítulos: *Giambattista Vico – A Ciência Nova*, p. 11-27; *Immanuel Kant – Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita*, p. 27-41; *Johann G. Herder – Ideias para a filosofia da História da Humanidade*, p. 41-59.

Giambattista Vico (1668 - 1744)

Giambattista Vico nasceu em Nápoles, no final do século XVII, e faleceu na mesma cidade, em meados do século XVIII. Sua formação foi típica de um intelectual que cresceu em um ambiente fortemente marcado pelo humanismo e pelo racionalismo que se desenvolveram na esteira do Renascimento cultural e científico. Estudou História e Direito romanos assim como filosofia grega e tornou-se professor de retórica da Universidade de Nápoles, em 1699.

Desenvolveu uma particular visão da filosofia da época, contrapondo-se fortemente a Descartes, argumentando que a ciência não deveria se isolar no plano das puras abstrações lógicas. Defendeu que domínios do conhecimento, como a retórica, a poesia e a História teriam outros tipos de verdade, não lógica e matematicamente demonstráveis como as das ciências físicas, mas caracterizadas pela verossimilhança e pela argumentação.

Por conta disso, Vico propôs outros critérios de possibilidade para o conhecimento científico, estabelecendo que “só poderia ser conhecido de maneira indubitável aquilo que o próprio homem faz, cria ou produz”. A partir desses critérios, o próprio homem e a natureza não poderiam ser conhecidos,



pois, como foram criados por Deus, só ele os conhece”. Por outro lado, a “história humana e o mundo das nações” foi, por outro lado, criado pelos homens, sendo, então, algo que o homem pode “esperar conhecer”. É a partir dessas preocupações que Vico se voltará para a História, entendendo-a como algo objetivamente construído pelo homem e, por isso, passível de ser conhecido.

Para ele, afinado com a confiança que os eruditos de seu tempo depositavam nos textos escritos, a linguagem seria o principal meio de acesso para conhecer a História e decifrar sua lógica própria. Tendo formulado essa distinção entre as ciências naturais e o conhecimento histórico, Vico também estabeleceu critérios metodológicos e orientações epistemológicas para a compreensão do processo histórico.

Nessa tarefa, tomou como princípio guiador a ideia de que o passado é essencialmente distinto do presente, não devendo ser visto com olhos contemporâneos, com o risco de não se produzir dessa forma conhecimento verdadeiro. Dizendo de outra forma, Vico, a partir dessas preocupações e da consciência acerca da especificidade do passado, propôs que o historiador não deveria se deixar levar por seus próprios sentimentos, interesses e modos particulares de ver as coisas.

O passado, portanto, para Vico, deveria ser estudado por si mesmo, em suas especificidades, estabelecendo um dos primeiros esforços no sentido de relativizar a posição do historiador e defender a ideia da empatia no trato com o passado.



Frontispício da Ciência Nova, de Vico. Gravura retirada de <http://www.scienzepostmoderne.org/Immagini/LibriCopertine/ScienzaNuovaOriginale.jpg>, acessado em 30/07/2011.

Para Lembrar sobre Vico:

- Trabalho de Erudição Filológica: entendendo o universo humano em seu desenvolvimento histórico
- Três idades e a Teleologia das Nações: divina, heroica e humana (ou civil)
- História Humana e a Providência Divina: estabelecendo uma racionalidade para o incognoscível

Immanuel Kant (1724 - 1804)

Se olharmos para a influência que Immanuel Kant exerceu sobre a filosofia moderna, dificilmente acreditaríamos que em toda sua vida ele nunca se afastou mais que 20 quilômetros de sua cidade natal, Königsberg, onde inclusive foi professor universitário. Suas maiores contribuições para a Filosofia foram as suas famosas críticas: da razão pura, da razão prática e da faculdade do juízo.

Crítica, como exame racional, foi, de fato, a tarefa à qual Kant se lançou para compreender principalmente como é possível pensar e conhecer o mundo. Dizendo de outra forma, Kant voltou a filosofia sobre si mesma e buscou entender, na tradição dos filósofos pré-socráticos, como é possível pensar.

Nesse sentido, é que levou adiante aquilo que ele denominou como uma “revolução copernicana” na filosofia, não mais vivendo o sono dogmático de entender-se como o centro do universo, mas tomando consciência da sua

posição periférica em relação a um universo a ser descrito.

Brevemente, devemos lembrar que Kant definiu que o conhecimento começa com a experiência, mas não deriva todo da experiência, pois a faculdade de conhecer, nosso juízo, nossas concepções, tem também uma função ativa na construção do conhecimento. Além disso, para Kant, era importante a consciência de que a realidade em si é inapreensível para o homem, pois ele só tem acesso a ela por meio dos seus sentidos, como fenômeno.

Essa consciência crítica, para Kant, seria importante, inclusive, para que possamos exercitar nosso papel como cidadão. Nesse sentido, ele afirmou, ao definir o iluminismo, que a única forma de o homem sair da infância e do sonho dogmático, sendo guiado pela razão e não por crenças, tradições e opiniões alheias, era por meio do conhecimento. Ouse saber, postulou ele.

Seu texto *A ideia de História Universal de um ponto de vista cosmopolita* é de 1784, já da fase madura de sua filosofia e, por isso, é tão relevante. Como ele exprime os motivos que deram origem a muitas outras filosofias da história, é leitura obrigatória para os interessados na disciplina histórica - muito mais pelo fato das concepções de história de Kant seguirem sua ideia de que "os homens devem agir como se suas ações fossem se tornar leis universais".



Estátua de Immanuel Kant na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Imagem retirada de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Immanuelkant.JPG>, acessado em 01/08/2011

A ideia de História Universal de um ponto de vista cosmopolita (1784)

A *Grande Ideia de História Universal* de Immanuel Kant se apoia, primeiro, na história dos antigos gregos e romanos, de quem, de acordo com as concepções da época, todas as outras civilizações da História teriam se originado. Dessa forma, para Kant, fora desse círculo de influência cultural, tudo é incógnita e as nações só fazem parte da história em contato com o ocidente e com as civilizações clássicas.

Percebam que os antigos gregos e romanos ficaram conhecidos por estabelecer um processo de influência cultural, promovido pela guerra e pela economia, chamado de helenização ou romanização. Políbio, um historiador romano do século II a.C., inclusive postula, acerca da história romana, que escrever a História de Roma era escrever a História das formas por meio das quais o mundo conhecido se transformou ou se transformará em possessão romana. E a isso ele chamou de História Universal.

É importante ressaltar que a concepção de História de Kant se organiza a partir de uma teleologia, assim como a história de Políbio. *Teleologia* é a doutrina que identifica metas, princípios e fins últimos guiando a natureza e a humanidade. Por exemplo, a História de Políbio tem uma teleologia, que é a ideia de que há uma finalidade no processo histórico, que é do mundo tornar-se romano. Para Kant, entretanto, o fim último da História é a humanidade alcançar o progresso, abandonar a selvageria e a barbárie, a disputa e a luta civil, que constituem as sociedades antes do Estado, para um dia, finalmente, organizar-se como um só estado cosmopolita.



Na compreensão desse processo, Kant entende que a humanidade e as ações humanas em seu conjunto são determinadas por leis universais - como a órbita dos planetas para Copérnico ou a ordem dos seres vivos para Lineu. Para Kant, tais leis naturais, ou propósitos, organizam a história humana, de forma que não os indivíduos, mas a humanidade e não as breves histórias individuais, mas as dilatadas histórias dos homens como espécie, estejam destinadas a se desenvolver completamente e conforme determinado fim.

Preocupado com esse plano geral que organiza a História Universal, Kant inclusive justifica as guerras e violências realizadas pelo Estado. Para ele, a natureza promove sabiamente a discórdia para estabelecer acordos entre os estados e fazer com que os indivíduos, compreendendo isso como meios de que a natureza se utiliza para que o homem selvagem abdique de sua liberdade brutal, busque a tranquilidade e segurança numa constituição conforme leis.

Devemos entender que Kant estava imerso no contexto da formação e legitimação dos estados nacionais, como o projeto a partir do qual os grupos sociais encontrariam possibilidade de realizar enquanto grupo. Kant denominou de *Providência Divina* a racionalidade que organiza a História Humana, entendendo que os processos que ordenam o decurso da História estão para além dos fenômenos observáveis, identificáveis apenas como uma teleologia, uma finalidade. Essa finalidade seria a realização de um presumido Estado Cosmopolita Unitário, o Estado Ideal, como quase uma curiosa reinvenção moderna de Roma

As ideias de História originadas em Kant não por acaso privilegiarão a história dos grandes estados e suas figuras políticas, entendendo a humanidade como uma grande abstração na qual as diferenças individuais se apagam em favor dos grandes movimentos e decisões políticas.

Entretanto, a visão de História de Kant foi importantíssima para que os historiadores buscassem também entender processos gerais a partir dos eventos, contribuindo muito para o desenvolvimento da Teoria da História.

Para Lembrar sobre Kant:

A História Universal é ordenada a partir de uma teleologia, exemplificada pelo progresso.

As ações humanas são determinadas por leis universais

Só a História Humana, como espécie, torna possível a realização das capacidades naturais dos homens.

As guerras são meios necessários para a objetivação de um fim maior, o Estado

A finalidade última da História da Humanidade é a objetivação em um só e único Estado Cosmopolita

Johann Gottfried von Herder (1744-1803)

Johann Gottfried von Herder, filho de um tecelão prussiano, nasceu na cidade prussiana de Nohrungen e seguiu sua vocação pelas artes e pela filosofia. Foi aluno de Kant em Königsberg e viveu parte de sua vida do ofício de pastor protestante. Seu relacionamento com escritores e artistas alemães - o mais célebre deles com o escritor alemão Johann wolfgang von Goethe - contribuiu para consolidar o movimento romântico alemão.

O romantismo foi um movimento cultural que se caracterizou



uma antítese às concepções de História de Kant. Primeiro, ele não identificava a História como cosmopolita, mas sim como resultado de esforços individuais, de grupos particulares, em determinados espaços e contextos. A partir dessa concepção, não haveria sentido para uma História Universal da Humanidade, mas para diversas Histórias de grupos que apresentariam variedades e particularidades no espaço e no tempo.

Na realidade, as concepções de Herder compartilhavam muito das premissas estabelecidas pelos estudos linguísticos iniciados pelo orientalista britânico William Jones, que havia estabelecido a antiguidade das línguas orientais e sua precedência na História da Humanidade. Essa língua originária seria o indo-europeu e todas as línguas modernas derivariam dela, como visto no esquema da árvore linguística. Se esses caracteres individuais associados a um território e a um grupo genético portador de cultura eram determinantes, tais especificidades é que deveriam ser tomadas em consideração para entender a história de um grupo.

Nesse sentido, as ideias de História de Herder compartilham do mesmo espírito de época do Romantismo alemão, em sua renúncia ao progresso e valorização de um passado perdido, ameaçado pelo esquecimento. Sua afirmação de que “as forças vivas do homem são as molas da história humana” e que deveriam ser identificadas a partir de sua origem genética iria associar as ideias românticas com o nacionalismo alemão, marcadamente reativo e militante.

A História vinculada a um território e endereçada a um grupo nacional específico, que seria escrita a partir dos séculos XVII e XIX, teria em Herder o arauto de uma filosofia da História mais particular. Diversos xenofobismos foram também possíveis a partir dessas estruturas propostas por Herder. Mas isso será objeto de nossas aulas futuras.



Para Lembrar sobre Herder:

- **História não Cosmopolita, mas Individualista e Variável.**
- **Ferramentas: “Cultura nacional” e “Raça”.**
- **Não o Progresso, mas a origem de um grupo.**

Atividades Encaminhadas

Como atividades de consolidação dos conteúdos, realize as seguintes tarefas:

- Procure em dicionários e enciclopédias mais informações sobre os conceitos e palavras que são novidade para você.
- Faça um quadro comparativo das ideias de Vico, Kant e Herder: identifique no que eles concordam e discordam.
- Faça um resumo da aula e identifique quais as ideias centrais de cada pensador estudado.
- A partir do que você viu até agora, explique qual a diferença entre Teoria da História e Filosofia da História.

Leia os textos-referência deste módulo. As atividades encaminhadas como exercício devem demonstrar suas leituras e o conhecimento das próprias palavras de Vico, Kant e Herder.

Lembre-se: esses autores estão muito longe de nós no tempo, mas suas ideias continuam sendo influentes até hoje, e você pode entendê-las melhor por meio do estudo.

O Historicismo

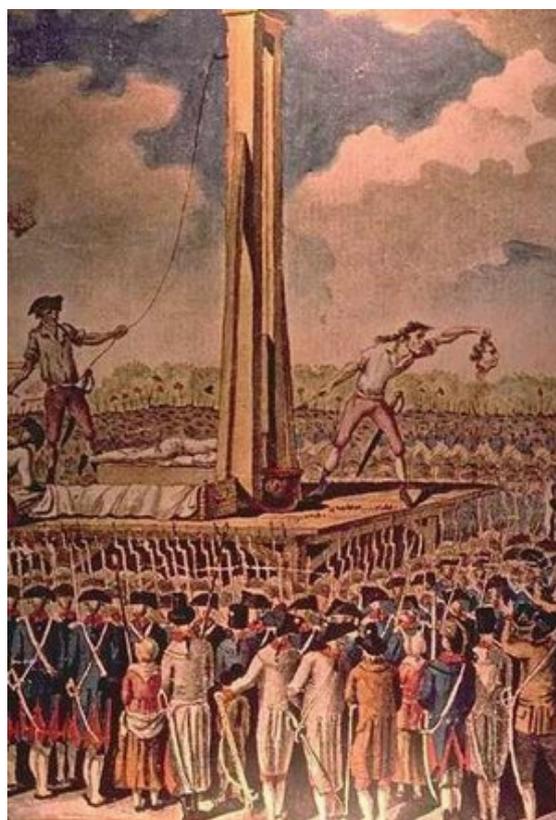
Esta é a nossa quarta aula de Teorias e Metodologias da História I. Vimos no módulo passado as filosofias da História do século XVIII, em suas versões humanista, iluminista e romântica. Hoje, definiremos o que é o historicismo, um conjunto de ideias que contribuiu para transformar a História em disciplina acadêmica no século XIX. Vamos lá?

Texto-referência: *Dilthey e o Historicismo: a Redescoberta da História*, do livro *História e Teoria*, publicado, em 2006, pelo historiador José Carlos Reis. José Carlos Reis é professor da UFMG, licenciado em História por essa instituição e doutor em História, pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Tem diversos livros publicados sobre teoria da História e historiografia brasileira. Nesta aula exploraremos os tópicos *A revolução francesa e a redescoberta da história e historicismo: um conceito?*

A Revolução Francesa e a redescoberta da História

Como coloca José Carlos Reis, o horizonte de possibilidades aberto pela Revolução Francesa colocou em choque os partidários mais radicais da Revolução, os jacobinos, que queriam transformações profundas para o futuro republicano da França, contra os partidários moderados, os girondinos, que buscaram conservar e alargar seus privilégios no decorrer da Revolução, e que inclusive contribuíram para a conservação de algumas estruturas do Antigo Regime.

O cenário que se abre para a História na virada dos séculos XVIII para o XIX vai dialogar ideologicamente com essas mesmas alternativas, visíveis no contexto político pós-revolucionário. Por um lado, configurava-se como uma forma de pensar a História como produção do futuro, preocupada com princípios universais aplicáveis a toda humanidade e confiante no progresso da razão. Por outro, constitui-se uma visão da História como recuperação ou reconstrução do passado, voltada para a investigação dos documentos e com as tradições culturais do passado. Nesse contexto, o embate ideológico que vai se configurar no campo disciplinar da História vai colocar em choque duas filosofias da História que já estudamos, o Iluminismo e o Romantismo.



Execução de Luís XVII, em pintura anônima de 1873. Imagem retirada de <http://endtimepilgrim.org/puritans12.htm>, acessado em 08/10/2011.



O brilho da Verdade resultando da Razão e da Filosofia (alegoria Iluminista). Gravura retirada de <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/pimage/iluminismo3.jpg>, acessado em 27/10/2011

A Refutação do Iluminismo

No início do século XIX, o Iluminismo começou a ser criticado pelos historicistas que entendiam que a busca de princípios universais era uma influência das ciências naturais no pensamento filosófico e que a História como disciplina tinha um domínio específico, diferente da filosofia. A Revolução, diziam, é coisa de filósofos que imaginam poder prever o futuro e planejar uma sociedade ideal e utópica. Esse idealismo, para os historicistas, pensava a História sem o comprometimento com a verdade e sem uma investigação criteriosa do passado. A história, diziam os historicistas, tem um domínio específico de investigação empírica que deve pautar a disciplina, que são os documentos.

Em certo sentido, os historicistas recuperavam as ideias de Giambatista Vicco, que defendia a especificidade das ciências humanas e a separação delas das Ciências Naturais e Exatas.



Germania, de Philipp Veit (1793-1877). Nessa imagem, pintada durante as Revoluções de 1848, o artista buscou retratar o espírito nacional alemão, identificado sob uma bandeira, um povo, uma cultura e um território. Imagem retirada de [http://en.wikipedia.org/wiki/Germania_\(painting\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Germania_(painting)), acessado em 02/10/2011

A influência do Romantismo

Se há um conjunto de ideias filosóficas que organizou o projeto acadêmico do historicismo foi o Romantismo. Com a sua preocupação de investigar as raízes históricas de um povo pertencente a uma raça, o Romantismo trouxe ao historicismo o fundamento teórico e a justificativa ideológica para celebrar as raízes nacionais da Alemanha.

Tenha-se em vista que a Alemanha do século XIX é aquela que irá concretizar seu desejo de unificação política a partir da diversidade cultural dos povos germânicos. Naquele contexto, no período compreendido entre 1850 e 1870, a necessidade de se construir subjetivamente aquilo que objetivamente não existia, a Nação, vai trazer ao historicismo sua orientação ideológica e o seu projeto político: investigar o passado em busca da tradição, dos valores e das características únicas que distinguiriam a Alemanha no cenário europeu do período.

A formação da ciência histórica

É neste cenário que o historicismo vai afirmar a necessidade de construir a disciplina histórica em “bases científicas”. O primeiro passo seria o de consolidar a formação do historiador como um domínio de erudição, do conhecimento de diversas línguas e técnicas, assim como do conhecimento do passado. Um estudioso e aristocrata alemão, chamado Wilhelm von Humboldt, argumentou a esse respeito, defendendo que apenas por meio da erudição, do método de pesquisa, do conhecimento dos documentos é que seria possível “controlar a imaginação” e produzir conhecimento histórico válido. Para isso, o especialista deveria ter talento de coordenação para organizar as informações e técnicas necessárias ao estudo do passado, a fim de, por meio da investigação empírica, aproximar-se dos eventos do passado.

Lembre-se que vimos a constituição da erudição filológica e documental na 1ª aula do curso: retome aqueles conteúdos para compreender do que estamos falando. Além disso, perceba que aqui, quando esses especialistas falam de um conhecimento por meio da inspeção dos documentos, eles estão defendendo uma ideia de conhecimento empírico, que seria conhecida mais tarde como positivismo.



O Círculo classicista de Weimar. Gravura de Adolph Müller, retratando Schiller, Wilhelm, Alexander von Humboldt e Goethe (1797). Imagem retirada de http://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Weimarer_Klassik.jpg, acessado em 02/10/2011

O que foi o Historicismo

Tendo em vista o que vimos até aqui, cabem algumas palavras finais acerca do Historicismo. É importante ressaltar que o Historicismo contribuiu para consolidar a especificidade da carreira de historiador, associando a ela um projeto de estado bem delimitado e estabelecendo um campo de trabalho profissional, com princípios e técnicas bem delimitados.

Além disso, deve-se ter em conta que o impacto do Historicismo não se limitou à História, influenciando também a literatura, a política e o direito, entre outros campos. No campo epistemológico, desenvolveu uma abordagem dos fenômenos própria, fundada principalmente na pesquisa de documentos e radicalmente afastada da abordagem generalista das ciências naturais.

Finalmente, o Historicismo foi responsável por colocar em cena a História como fator explicativo da condição humana, investindo o passado de um valor essencial em diversos níveis da retórica moderna, o que é perceptível desde da ideia de tradição até o discurso político contemporâneo, por exemplo..

Lembrar sobre o Historicismo:

- Inventou a História e contribuiu para criar uma “atitude de historiador”.
- Promoveu uma Revolução Cultural que abrangeu outras áreas
- Promoveu uma distinção fundamental entre fenômenos naturais e históricos
- Alçou a História a fator explicativo da condição humana





Atividades encaminhadas

Finalizando nossa aula, seguem aqui algumas atividades encaminhadas. Primeiramente, reveja as principais expressões e ideias apresentadas na aula e faça um resumo delas com suas próprias palavras. Só dessa forma, pelo trabalho individual, enfrentando sozinho as dificuldades do texto e do assunto, é que você transformará esse conhecimento em algo seu.

- Para perceber a relação desta aula com o que já foi estudado, estabeleça você mesmo uma distinção entre o Historicismo e o Iluminismo, buscando informações nas aulas anteriores. Finalmente, faça uma pesquisa, na internet e em enciclopédias, sobre os grandes personagens do Historicismo, como Leopold von Ranke e Wilhelm Dilthey. Anote o que você encontrar e elabore um pequeno texto autoral acerca do assunto, estabelecendo relações com o assunto da aula e do texto 4.

Bom trabalho e até a próxima aula!

As filosofias da História do século XIX

Esta é a nossa quinta aula de Teorias e Metodologias da História I. Vimos na aula passada o Historicismo do século XIX, em seu embate para estabelecer uma cientificidade para a prática historiográfica. Agora, iremos nos deter nas filosofias da História do Século XIX, estudando algumas das matrizes mais fundamentais do pensamento histórico. Vamos lá?

Texto-referência: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. de Vítor Matos e Sá. 4ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. Capítulos: *G. W. F. Hegel – História Filosófica*; p. 71-88; *Karl Marx – Concepção Materialista da História*, p. 153-163.

Nessa aula trataremos dos seguintes assuntos:

- Hegel: a Razão, a Liberdade e o Estado
- Marx: a Luta de Classes e a Concepção Materialista da História

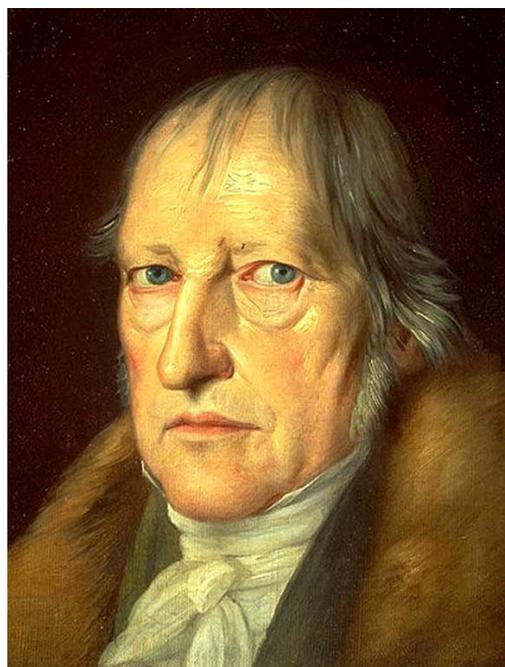
Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em 1770 na cidade alemã de Stuttgart. De família protestante e religiosa, como era comum na época. Por conta de sua origem familiar, foi estudar Teologia em Tubinga e lá já começou a se interessar pelos autores iluministas, como Kant e Rousseau, iniciando sua preocupação com as questões históricas e políticas, assim como com a ideia de Liberdade.

Com a entrada na Universidade de Heidelberg, sua carreira alcançou reconhecimento dentro do cenário acadêmico alemão. Publicou diversas obras, sendo a mais conhecida delas *A fenomenologia do espírito*. É o maior representante do chamado Idealismo alemão. O Idealismo propunha que o mundo da experiência material, objetivo, exterior só poderia ser compreendido plenamente a partir de sua verdade espiritual, mental ou subjetiva. É partir desse conjunto de ideias que Hegel vai estabelecer também sua Filosofia da História.

A Filosofia da História de Hegel

Hegel é também, na esteira de Kant, um dos filósofos que vê a História como um processo racional e teleológico governado pela razão. Nesse processo racional, a consciência humana buscaria, por meio do diálogo, do conflito e da luta, superar a si mesma em favor da conquista da liberdade. Para ilustrar esse processo, Hegel estabeleceu uma teleologia entre o Oriente e o Ocidente, no qual o primeiro estaria na infância da História e, portanto, da liberdade, e o último, o Ocidente, teria compreendido que a liberdade só seria possível ao se



Retrato de Hegel, em 1831, por Jakob Schlesinger. Gravura retirada de http://www.centrosangiorgio.com/occultismo/mondialismo/immagini/georg_hegel.jpg, acessado em 08/10/2011.



levar em conta as demandas da realidade prática.

Foi essa carência de consciência que tornou a Roma Antiga, por exemplo, de acordo com Hegel, presa de uma noção subjetiva de liberdade que a teria levado à guerra civil e à ruína. Essa liberdade moderna, que objetivaria racionalmente a humanidade, teria como fim último o Estado. O Estado Moderno, portanto, para Hegel, seria a finalidade da História, a demonstração de que há um processo racional que governa o devir e que pode ser testemunhado na realidade. A liberdade que move o homem em direção ao progresso, e que é experimentada pela modernidade, é uma liberdade civil, delimitada como um território ideológico condicionado por direitos e deveres. Por conta disso, Hegel é o filósofo idealista que vai falar do progresso da humanidade em busca da liberdade, mas, diferentemente de Kant, para ele a História se objetiva em uma realidade observável do presente, a Nação Moderna.

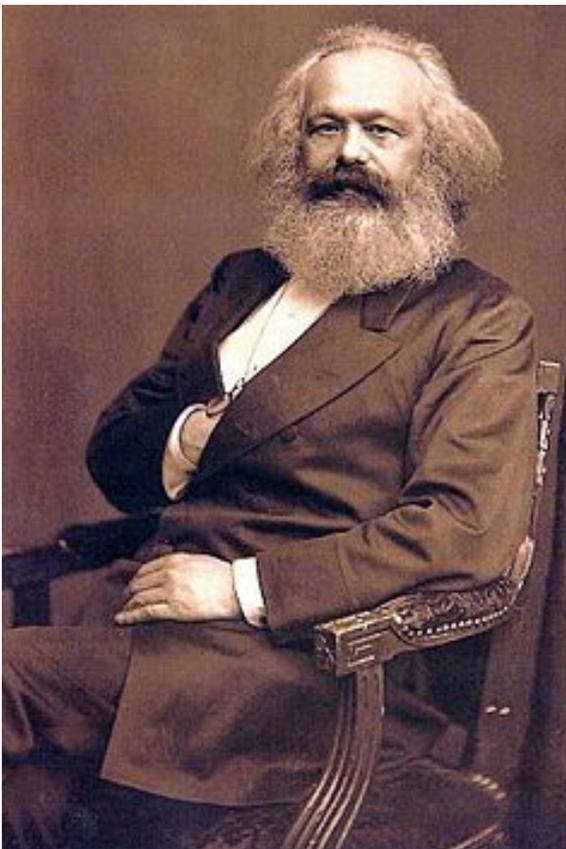
Segundo Hegel:

- Os orientais não sabem que o homem é livre em si mesmo. E não sabendo, não são livres
- A Roma Antiga foi presa do desejo de liberdade, o que a levou à ruína
- No ocidente moderno, a liberdade se reconciliou com a realidade.



Ideias Centrais de Hegel:

- **A Razão governa a História**
- **A luta pela liberdade é a promotora do Processo Histórico**
- **O Estado é o fim último do processo racional que governa a História**



Retrato de Karl Marx, em 1875 por John Mayall.
Gravura retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Karl_Marx_001.jpg, acessado em 10/11/2011

Karl Heinrich Marx (1818-1883)

Karl Heinrich Marx nasceu em 1818, na cidade de Trier, na Renânia. Filho de advogado, seguiu os estudos de Direito até mudar-se para Berlin e se encantar com o círculo dos hegelianos. Por conta disso, abraçou a filosofia, preocupando-se também com o desenvolvimento teleológico das sociedades, à maneira de Hegel.

São inúmeros seus escritos, muitos deles em parceria com Friedrich Engels. Entre os mais conhecidos, devem ser destacados: *O Capital* e *O Manifesto do Partido Comunista*. Foi um filósofo da ação, que compreendia que a interpretação do mundo deveria promover também ação política em favor da emancipação do homem. Desenvolveu uma aproximação dos fatos sólidos e concretos da vida e da experiência, o que o levou a formalizar o Materialismo Histórico, afastando-se do idealismo da época e se voltando à análise da economia e da exploração do trabalho.

O Materialismo Histórico

As principais ideias da Filosofia da História de Marx são o Materialismo Dialético e a luta de classes. A luta de classes é o que caracteriza a relação entre força de trabalho e poder econômico ao longo da História. Por conta disso, de acordo com Marx, teríamos diferentes modos de produção ao longo da História, que se dividiriam em Primitivo, Asiático, Antigo, Feudal e Capitalista. Cada etapa da História, então, seria definida por uma série de fatores, como nível tecnológico, organização do trabalho, e consciência de classe.

Seria a consciência de classe que promoveria, para Marx, as transformações na História. A Revolução Francesa, por exemplo, seria uma demonstração da luta de classes e da transformação da História pela ação humana, por meio do conflito. No período em que Marx viveu, chamado de acumulação capitalista, a luta de classes se caracterizava pelas disputas entre trabalhadores assalariados e capitalistas. Para Marx, entendendo que a filosofia materialista forneceria também princípios de ação política, a História seria conduzida, naquele estágio, pela consciência de classe, ao chamado período da ditadura do proletariado.



As classes trabalhadoras suportando o luxo dos capitalistas. Gravura representando a luta de classes. Data e autoria desconhecidas. Gravura retirada de <http://www.history.umd.edu/Gompers/hearings%201883.htm> acessado em 02/10/2011

Ideias Centrais de Marx:

- **A história das sociedades é a história da luta de classes.**
- **Cada etapa da história do homem é definida por um Modo de Produção.**
- **A consciência de classe é o motor da história.**
- **O materialismo pensa no que será e não apenas no que é.**



Considerações Finais

Percebam que entre Hegel e Marx temos um percurso entre as noções idealista e materialista da História. Hegel e Marx, cada um à sua parte, foram dois dos mais influentes pensadores do século XIX e ofereceram importantes contribuições ao pensamento histórico até hoje.

Tendo em vista o que foi estudado nesta aula, retome os textos, faça pesquisas em enciclopédias e na internet em busca dos conceitos e ideias centrais apresentados aqui. Faça resumos, explore os textos e os materiais de pesquisa em busca de mais informações sobre: Idealismo Alemão; O Estado e a Liberdade em Hegel; Materialismo Histórico, Luta de Classes. Os tutores estarão prontos a lhe ajudar desde que você tenha iniciado sua pesquisa e enfrentado primeiro as dificuldades.

Como dica de estudo: Faça um quadro comparativo entre os dois pensadores, estabelecendo semelhanças e distinções entre eles: esse será seu material de consulta que o ajudará a consolidar as informações sobre esse assunto.



Nunca se esqueça: o estudo da História é muito recompensador. Por isso, mantenha-se firme nos estudos e conte com nossa equipe para lhe aconselhar sempre.

Os usos do passado no século XIX

Começamos a nossa sexta aula de Teorias e Metodologias da História I. Vimos na aula passada as filosofias da História do século XIX, em seu embate entre idealismo e materialismo. Agora, iremos nos deter em um estudo de caso sobre a historiografia do século XIX, mais especificamente sobre como os especialistas daquele período, que estudaram o mundo grego clássico, “inventaram” uma imagem da Grécia Antiga muito útil para a autoestima europeia. Para você acompanhar a aula, é importante que tenha lido previamente o texto. Vamos lá?

Texto-referência: BERNAL, Martin. *A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. Textos Didáticos:* n. 49. IFCH/UNICAMP, p. 9-27, 2003.

Esse artigo é uma versão resumida do livro *Atena Negra* do mesmo autor. Nesse livro, Bernal busca identificar as raízes racistas dos Estudos Clássicos europeus, principalmente do século XIX. Bernal tem formação em História Política da China e Oriente Médio, mas seu livro mais famoso é sobre a relação entre a Europa Moderna e a Grécia Antiga. Vamos estudá-lo?

Dois modelos para a Grécia Antiga

O Tema central do artigo de Martin Bernal é que no século XIX foi criada uma visão da Grécia Antiga como a origem da civilização ocidental - a do modelo ariano, que foi criada pelos eruditos e estudiosos europeus. Essa visão da Grécia é aquela que nos foi ensinada nos bancos da escola e que diz: os gregos antigos foram uma civilização única na História, que nos legou os ideais de civilização; foram os gregos os criadores da arte e da cultura ocidentais, e que antes deles não havia pensamento filosófico digno desse nome.

Entretanto, para Bernal, existe outra visão acerca dos gregos, produzida por eles mesmos em seus inúmeros escritos. Essa visão é a do Modelo Antigo, que pode ser encontrada nos escritos de Heródoto, Esquilo e até mesmo Platão. Para esses autores antigos, a Grécia teria sido colonizada pelos egípcios e fenícios, de quem os gregos aprenderam o alfabeto, as artes e até sua religião. Para esses pensadores, mesmo a Filosofia, sempre tão celebrada como uma criação grega, só teria se desenvolvido por conta das contribuições e influxos provenientes do Oriente. A questão que se apresenta a partir desse cenário e que Bernal busca responder é: por que o modelo ariano, mais recente, contradiz o que os próprios gregos pensavam a respeito das suas origens culturais?

Modelo Antigo

A Grécia foi colonizada pelas civilizações egípcias e fenícias

O alfabeto, a religião e as artes foram contribuições de povos estrangeiros para a Grécia

A filosofia grega se iniciou a partir de um diálogo com o Oriente

Modelo Ariano

Os Gregos criaram uma ideia de Civilização genuína e autônoma

As artes e a cultura gregas são as mais desenvolvidas da Antiguidade

Não há Filosofia antes dos Gregos



Como foi construído o Modelo Ariano?

Bernal responde a essa pergunta argumentando que o desenvolvimento e estabelecimento hegemônico do Modelo Ariano se deve, principalmente, ao fato de a Grécia, desde as primeiras teorias linguísticas do século XVIII, ter sido



Alunos e professores diante da Escola Germânica de Atenas, em 1905. Fundada em 1896, ela desempenhou um papel fundamental na construção dos modelos germânicos sobre a Grécia Antiga. Gravura retirada de http://de.wikipedia.org/wiki/Deutsche_Schule_Athen, acessado em 11/11/2011

alçada modernamente ao *status* de *antepassado* da civilização europeia. Se a Grécia era o *antepassado* da Europa, deveria se parecer, argumenta Bernal, o máximo possível com os seus *descendentes*: os alemães, franceses, ingleses e italianos modernos.

Por isso, os antecedentes históricos da arte, da língua, da cultura grega, em geral, foram paulatinamente inventados de forma a reproduzir os pressupostos raciais, étnicos e nacionalistas da Europa. Deve-se ter em conta que, no momento em que a Alemanha, com o historicismo, representava a vanguarda do conhecimento histórico europeu, em um ambiente de extrema competição, de intensa luta pela afirmação das nacionalidades, teria se constituído um contexto favorável para o desenvolvimento do modelo ariano.

É importante ter em conta que esse era um período no qual o estudo do passado era marcado pela extrema influência do Nacionalismo e do Romantismo, muitas vezes de forma bastante chauvinista e racista. A Grécia, dessa forma, tornou-se, para Bernal, a imagem especular da autoestima europeia, contando com a objetiva colaboração dos estudiosos do passado.

A ideia de civilização

*"(...) se examinarmos o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas". Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais". ELIAS, N. **O Processo Civilizador** – uma história dos costumes; Tradução de Ruy Jungman; revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.*

Essa discussão acerca dos estudos clássicos no século XIX e a criação e o sucesso histórico do modelo ariano deve ser entendida à luz do conceito de civilização, como apresentado pelo sociólogo alemão Norbert Elias. Para ele, o conceito de civilização "expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo". Essa consciência é fortemente marcada pelo nacionalismo e está implícito nesse conceito uma certa presunção de superioridade.

Nesse sentido, em um período em que a Europa colonizava vastas partes da África e do Oriente, os europeus defendiam a ideia de missão civilizadora, que

propunha que o seu papel era civilizar os bárbaros, interferindo nos seus territórios e deliberando sobre os assuntos políticos estrangeiros. Por conta disso é que a Grécia deveria ser vista por outro modelo, que contradisse a imagem que os gregos faziam de si mesmos como tributários dos orientais, fenícios e egípcios.

Considerações Finais

Finalmente, devemos ter em conta, ao final desta aula, que o modelo Ariano foi construído pelos historicistas do século XIX como uma forma inventar um nobre antepassado para a Europa, num momento em que as nações europeias buscavam afirmar sua superioridade. Lembre-se que o modelo antigo foi refutado por apresentar uma imagem “indigesta” para o paladar europeu, em um momento em que a Europa colonizava os povos que os gregos interpretavam como seus antepassados.

Nesse contexto, o conceito de civilização, o nacionalismo político e a filosofia do Romantismo forneceram as justificativas ideológicas para a criação do modelo Ariano e de seus pressupostos exclusivistas e racistas. Para consolidar os conteúdos dessa aula, não se esqueça de ler o texto, fazer uma pesquisa sobre os termos, nomes, conceitos e personagens desconhecidos. Finalmente, faça um esquema resumido do texto de Bernal, exemplificando quais os motivos ideológicos por trás da criação moderna da Grécia Antiga, citando exemplos e comparando os dois modelos discutidos por ele.

Bom estudo e até a próxima aula!



A Casa de Concertos de Berlin, construída em 1818, denuncia a imensa influência greco-romana na cultura alemã do século XIX. Gravura retirada de <http://www.travelsignposts.com/Germany/tag/konzerthaus-berlin>, acessado em 11/11/2011

A Nova História

Já avançamos bastante no curso e chegamos a um ponto importante da nossa matéria. Você deve se lembrar que vimos na aula passada um estudo sobre a História acadêmica do século XIX e seu papel na “invenção” de uma imagem racista da Grécia Antiga. Em certo sentido, pudemos observar, com aquele exemplo, como por detrás da máscara de isenção e neutralidade da ciência positivista havia, muitas vezes, uma forte carga ideológica orientando a investigação do passado.

Nesta aula veremos uma reação a essa dita história política por parte de um grupo de historiadores franceses do século XX que revolucionaram a forma como se produz História. Veremos seus principais personagens e ideias. Entretanto, para aproveitar ao máximo essa aula, você deve ter lido o texto e anotado suas dúvidas e comentários. Nunca se esqueça desse trabalho individual que você mesmo deve fazer em suas rotinas de estudo.

Se você já leu o texto de hoje e se preparou para nossa aula, pode começar!

Texto-referência: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. In: *A História Nova*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 26-64.

Jacques Le Goff é um historiador francês nascido em 1924. Ele tem se dedicado principalmente ao estudo do mundo medieval, mas por meio de uma pesquisa histórica que investiga as mentalidades (as formas de pensar, o universo do pensável) em aproximação com a Antropologia Histórica. Seu texto é importante tanto pelo fato de ele ter se tornado uma figura de proa tanto na mudança de perspectiva historiográfica no século XX, quanto por ter sido um dos principais divulgadores dos Annales.

O artigo de Le Goff faz uma apreciação da trajetória dessa forma de produzir história chamada Nova História, apresentando suas principais características, ideias e personagens. Antes de avançarmos no assunto, é bom lembrar que ideia de uma Nova História se constrói em contraposição à história por eles denominada de velha e que deveria ser superada: essa história a ser superada pela Nova História é aquela que já estudamos, centrada no político e nas tradições, e que tinha o documento e o texto escrito como meios de acesso ao chamado evento histórico. Essa história foi estereotipada de positivista e se tornou, na década de 1930, o fantoche contra o qual Marc Bloch e Lucien Febvre se insurgiram.

Febvre (1878-1956), Bloch (1886-1944) e os princípios da Nova História

Os heróis fundadores da Nova História francesa são Lucien Febvre e Marc Bloch, que buscaram desenvolver uma abordagem historiográfica que se contrapusesse à História Metódica, positivista e historicista, que existia na França do período. Para eles, a Nova História não deveria se limitar aos aspectos políticos, militares e diplomáticos do passado, como privilegiado pela História Positivista. Influenciados pela sociologia francesa de Émile Durkheim e pela geografia humana de Paul de La Blache, defendiam uma História Total, que se debruçasse por todos os aspectos do social.

Nesse esforço, a sociologia era o principal elemento de definição da nova ciência histórica, principalmente por conta da ideia de Fato Social, como o meio de acesso para o estudo de um grupo. A nova história social não se restringiria também aos ditos documentos oficiais do Estado, mas procuraria investigar o histórico por meio de fotos, filmes, vestígios arqueológicos e outros objetos, além dos documentos escritos.



Fotomontagem com as fotos de Marc Bloch (de óculos) e Lucien Febvre. Imagem retirada de <http://criticaimpura.files.wordpress.com/2011/03/bloch-febvre5.jpg?w=300&h=221>, acessado em 15/11/2011

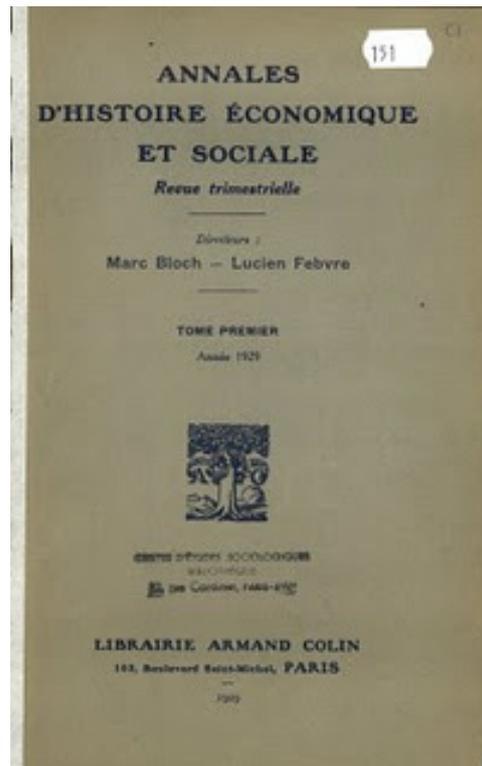
Os Temas da História Nova

- “Há uma história, simplesmente, em sua unidade: a história que é social, toda ela, por definição”.
- “Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou (...) vestígios de pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são documentos de primeira ordem para a História Nova”.

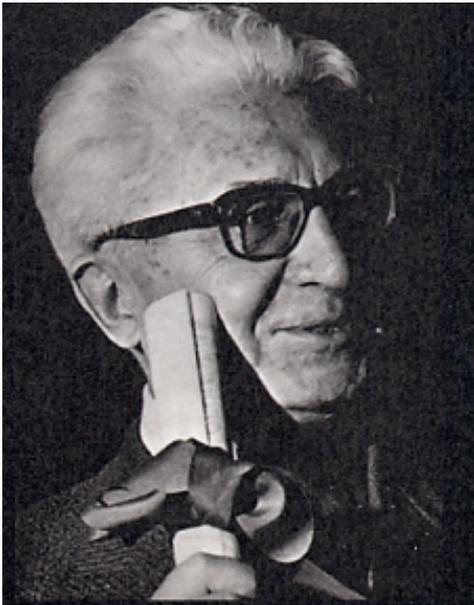
Embates da História Nova

Como falamos acima, a dita História Nova se constituiu como uma forma de superar o que se entendia como uma limitação de princípios da História Positivista. Nesse esforço para superar a concentração no político como objeto da História, Febvre e Bloch lançaram uma revista para divulgar seu projeto historiográfico. Essa revista se chamou *Anais de Economia, Sociedade e Civilizações*, e seu primeiro número foi publicado em Paris, em 1930.

Por conta do nome da revista, a nova história de Febvre e Bloch passou a ser conhecida também como História ou Escola dos Annales. Entre algumas das afirmações mais conhecidas dos historiadores dos Annales desse período, estava a de que não havia *fato histórico* a ser descoberto pelo historiador no passado. Não havia um acontecimento ideal e pleno de significado à espera do investigador que, quase em êxtase religioso e despido de julgamentos, o resgatasse do esquecimento. O que há para o historiador, segundo os *annalistas*, é a investigação histórica orientada por uma pergunta, questão ou problema. É por essa indagação do presente que a História se orienta para a Nova História, em busca de respostas para uma pergunta. Por exemplo, Marc Bloch buscou investigar o poder curativo dos reis franceses, não apenas relatando os supostos milagres, mas também as respostas para a hipótese de que aquele poder fosse apenas uma crença popular.



Primeiro tomo da Revista dos Annales, publicada em 1929. Imagem retirada de <http://andrewokamura.blogspot.com/2009/02/em-15-de-janeiro-de-1929-foi-publicada.html>, acessado em 11/11/2011



Fernand Braudel, em imagem retirada de <http://www.infoescola.com/biografias/fernand-braudel/>, acessado em 11/11/2011. Braudel teve um destacado papel na consolidação acadêmica dos *Annales*. Na década de 1930, esteve no Brasil colaborando com a organização da Universidade de São Paulo.

A consolidação dos *Annales* e sua hegemonia

A partir da década de 1930, os *Annales* experimentariam uma trajetória de consolidação de seu grupo. Da década de 1960 em diante, todo o sucesso e poder acadêmico que um dia os metódicos e positivistas tiveram era agora prerrogativa dos *Annalistas*.

O principal passo na direção dessa hegemonia acadêmica foi a fundação da VI seção da Escola Prática de Altos Estudos em Paris, no ambiente de renovação aberto pelo final da Segunda Grande Guerra. A fundação da XVI seção significou a consolidação de um grupo de estudos acadêmicos interdisciplinares, baseado nas pesquisas e nas investigações coletivas, baseado na prática dos seminários acadêmicos, superando a antiga tradição de ensino e pesquisa magisterial representado pela tradição da Sorbonne.

Lembrem que a ideia de um conhecimento acadêmico interdisciplinar se constitui aqui um projeto para os *Annales*, com diálogos entre

Antropologia e História, Geografia e História, Economia e História, entre outros.

O personagem de destaque dessa fase da consolidação dos *Annales* é Fernand Braudel, que pesquisa o Mediterrâneo do século XVI, entendendo aquele contexto geográfico como um grande sistema, marcado por diversas camadas temporais e históricas: o tempo geológico, o tempo da economia e da sociedade, e o tempo acelerado dos acontecimentos. Caberia ao historiador entender como essas diversas temporalidades contribuíram para constituir a especificidade dos períodos analisados.

Dizendo de outra forma, para Braudel, há camadas de constituição do processo histórico, onde a geografia, os desenvolvimentos econômicos, sociais e culturais, mas também os eventos locais, cada um com sua temporalidade, desempenham papéis significativos.



O Que Lembrar Sobre a Nova História?

- **A criação da VI seção da Escola Prática de Altos Estudos em Paris.**
- **A interdisciplinaridade como projeto.**
- **Braudel e o Mediterrâneo; a longa duração do tempo geológico; o tempo histórico da economia, da sociedade e da cultura; o tempo acelerado dos acontecimentos**

Considerações finais (com atividades encaminhadas)

Finalmente, devemos ter em conta, ao final desta aula que os *Annales* tiveram diversas ramificações durante o século XX: cabe a você agora identificar quais são elas e quais seus principais personagens e ideias. Lembre-se que a Nova História não se resumiu ao contexto francês; pesquise no texto e na internet qual a influência da Nova História fora da França. Isso fará você entender o motivo de estudarmos hoje esses autores e suas ideias.

Além disso, seria interessante que você estabelecesse relações entre o assunto desta aula e das anteriores. Por exemplo: vimos o conceito de civilização



entre os historicistas, seu papel político e a utilidade do conceito na Alemanha do XIX: tendo em vista isso, responda:

- qual é o conceito de civilização para os *Annalistas*?
- No que ele se distingue do conceito dos historicistas do século XIX?
- Finalizando, faça um breve resumo das ideias de Febvre, Bloch e Braudel, e trace as distinções e semelhanças entre eles. Só assim você entenderá as principais linhas de pensamento e as questões centrais da História Nova.

Até semana que vem.

Cultura popular

Esta é a nossa oitava e última aula de Teorias e Metodologias da História I. Chegamos ao final do curso. Depois de termos conversado sobre a erudição histórica, a institucionalização da disciplina, o papel acadêmico do estudo do passado, as filosofias da História e os embates entre as grandes correntes historiográficas do final do XIX e início do XX, chegou a hora de nos lembrarmos mais uma vez da função existencial da disciplina.

Por isso, estudaremos a questão da cultura popular e seu papel nas discussões históricas contemporâneas. Fala-se, muitas vezes, que os historiadores ficam nos arquivos, isolados do mundo em uma torre de marfim. Isso não é verdade; ainda mais se levarmos em conta que existem diversos historiadores e pensadores interessados nas experiências dos trabalhadores; nas lutas dos camponeses; nas reivindicações e nos direitos dos diferentes grupos raciais; nas questões de gênero; na escravidão e na pobreza, para só citar alguns exemplos.

Por isso, nossa aula de hoje conclui o curso trazendo à cena uma questão que diz respeito à todos nós: a cultura popular. Você já leu o texto? Caso não tenha lido, pare a aula nesse ponto: leia o texto, tome suas notas e faça suas pesquisas. Já terminou? Pronto? Então, está bem! Agora podemos seguir...

Texto-referência: CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, no. 16, p. 179-192, 1995



Roger Chartier, em registro fotográfico de sua visita ao Brasil em 2001. Imagem retirada de http://api.ning.com/files/kJFkjEepl8d1yx5n74VAyoXddA-qyPc3EaEEQUiaRAQ/_r_chart2.jpg, acessado em 28/10/2011.

O célebre historiador francês Roger Chartier, nascido em 1945, ainda está em atividade. Ele é um historiador influenciado pela tradição da *Escola dos Annales*. Suas contribuições mais significativas são no campo da discussão teórica, principalmente, sobre práticas e representações culturais, um tema de extrema relevância para o debate contemporâneo em História. O Artigo de, de sua autoria, investiga a questão da cultura popular e sua autonomia frente à cultura erudita.

O Estudo da Cultura Popular

O tema da cultura popular tem uma forte e representativa genealogia dentro dos estudos históricos, com contribuições maiúsculas de intelectuais das mais diferentes proveniências. O popular foi estudado pelo marxista Edward Thompson, que entendendo a cultura como manifestação da consciência de classe, busca

escrever uma “história a partir de baixo”, a partir do ponto de vista das classes trabalhadoras. Antes dele, o pensador russo Michail Bakhtin havia investigado a cultura popular, como o carnaval, como fenômeno social, como uma demonstração da interface entre a dita cultura letrada e a cultura das pessoas comuns. Por conta disso, talvez, um dos pensadores mais vitais do século XX, Antônio Gramsci, entendia que a cultura popular representava um espaço de

resistência e uma oportunidade revolucionária para os grupos subordinados da Itália Fascista. Nessa breve e seletiva genealogia, não poderíamos esquecer do historiador italiano Carlo Ginzburg, que a partir da ideia de micro-história busca mostrar como não há necessariamente separações absolutas entre a chamada cultura popular e o pensamento letrado, com o seu estudo da inquisição italiano e o conceito de circularidade de culturas.

E. P. Thompson (1924-1993): propôs uma “História a partir de baixo”.

Mikhail Bakhtin (1895-1975): estudou o carnaval na Europa como um exemplo da dialética entre cultura letrada e popular.

Antônio Gramsci (1891-1937): defendeu a cultura popular como o espaço da consciência das classes populares frente à cultura dominante.

Carlo Ginzburg (1939 -): resgatou as relações culturais entre um homem simples e o mundo de sua época, por meio do conceito de circularidade.

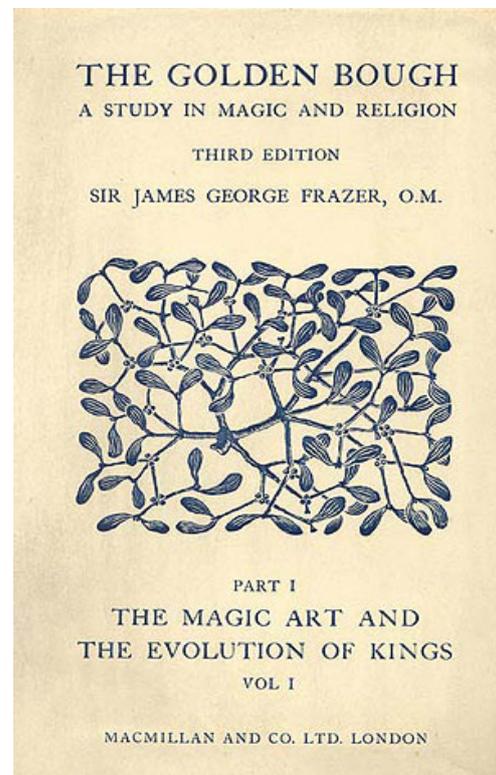


Fragmento da pintura A Dança dos Camponeses, de Peter Bruegel (1525-1569). Entre os temas privilegiados por Bruegel, contrariando o espírito da época, estavam sempre os camponeses, trabalhadores e pessoas comuns. Imagem retirada de <http://comunidade.sol.pt/blogs/jaguar/archive/2008/05/06/507642.aspx>, acessado em 15/11/2011

A cultura popular para Chartier

Roger Chartier representa o esforço de renovação dos estudos de cultura popular, dialogando com as discussões contemporâneas e buscando oferecer alternativas para a pesquisa nesse campo. Tradicionalmente, lembra Chartier, a cultura popular, como categoria de análise, tem uma genealogia imperial, remontando aos estudos dos antiquários que a definiam pela antítese à cultura letrada e erudita, tomada com superior. Chartier queria acabar com essa distinção. Para tal, ele entende que mais importante para a compreensão dos grupos humanos é o uso que se faz de determinada cultura, e não a forma como ela é produzida.

Se analisarmos o consumo de determinada cultura popular por um grupo social perceberemos que tal cultura é parte de uma estratégia por definição de status, de negociação por espaço e representação de poder em nossa sociedade. Deve-se quebrar, portanto, a distinção entre popular e erudito para perceber a forma como o real é constituído e as dinâmicas e táticas empreendidas pelos grupos humanos ao lidar com a linguagem, os objetos, as ideias e as coisas em geral.



O Ramo de Ouro (1890), de James Frazer, é um exemplo de estudo de cultura popular a partir de um ponto de vista acadêmico e erudito. Imagem retirada de http://files.list.co.uk/images/2005/01/01/golden-bough_frazer.jpg, acessado em 17/11/2011



A cantora Paula Fernandes é um exemplo de como o uso da cultura popular evidencia que ela não é mais índice de estratificação social.

Imagem retirada de <http://alfredojunior.files.wordpress.com/2011/05/show-paula-fernandes-alfenas.jpg>, acessado em 17/11/2011

Um exemplo da circularidade da cultura popular

A cantora Paula Fernandes é um exemplo de como o uso da cultura popular evidencia que ela não é mais índice de estratificação social. Os antigos cantores caipiras e sertanejos enfatizavam suas raízes rurais e promoviam uma empatia com as classes populares. Hoje os ditos sertanejos são consumidos por todas as classes indistintamente. Boa parte dos cantores, inclusive, gosta de ressaltar seu sucesso econômico como uma forma de valorizar sua música e sua trajetória pessoal.

Considerações Finais (com atividades encaminadas)

Finalmente, devemos ter em conta, ao final desta aula que a história só tem sentido quando diz respeito a nós e à nossa sociedade. Com o estudo da chamada cultura popular, pudemos ver que um conceito originalmente visto como erudito é hoje analisado em suas interfaces com todo o espectro do social. Nesse contexto, a ideia de uso e consumo torna-se uma chave de leitura importante. Como consumimos cultura? Estabelecemos relações de poder por meio do uso e deliberação de determinado traço cultural?

Quando vemos um programa de TV apresentando um artista popular, não há aí uma intervenção da dita cultura oficial sobre o que devemos ver como popular? Faça essa pergunta a você mesmo para estabelecer sentido à aula e para que possa exercer autoridade sobre esse assunto.

Não se esqueça de ler e reler os textos. Finalmente, conclua seus estudos sobre esse tema realizando duas tarefas:

- Responda: o que é popular e o que é erudito?
- Faça uma redação sobre o que você estudou neste semestre em nossa disciplina. O que foi relevante? Do que mais gostou? Você é o mesmo hoje, depois das oito aulas? Ou algo mudou na forma como você vê a História?

Vamos lá: mãos à obra! Tenho certeza de que você, agora, tem muito o que dizer!

Bibliografia

-Unidade I:

1. CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; SANTAMARIA, Yves. "A Escrita da História no Período Moderno: arte ou ciência, verbo ou fonte". In *Como se Faz a História*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

2. RÜSEN, Jörn. Tarefa e função de uma teoria da história. In: *Razão Histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UNB, 201. p. 25-51.

3. GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. de Vítor Matos e Sá. 4ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. Capítulos: "Giambattista Vico – A Ciência Nova", p. 11-27; "Immanuel Kant – Idéia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita", p. 27-41; "Johann G. Herder – Idéias para a filosofia da História da Humanidade", p. 41-59.

-Unidade II:

1. REIS, José Carlos. Dilthey e o historicismo, a redescoberta da história. *História & Teoria*. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.

2. GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. de Vítor Matos e Sá. 4ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. Capítulos: "G. W. F. Hegel – História Filosófica"; p. 71-88; "Karl Marx – Concepção Materialista da História", p. 153-163.

-Unidade III:

1. BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. *Textos Didáticos*: n. 49. IFCH/UNICAMP, p. 9-27, 2003.

2. LE GOFF, Jacques. A história nova. In: *A História Nova*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 26-64.

3. CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, no. 16, p. 179-192, 1995.

Bibliografia Complementar

COLLINGWOOD, R. G. *A Idéia de História*. 5ª. ed., Trad. De Alberto Freire, Lisboa: Editorial Presença, 1981.

GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. Trad. de Pedro Moacyr Campos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Ensaios. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. 2ª.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFEBVRE, Georges. *O Nascimento da Moderna Historiografia*. Trad. de José Pecegueiro. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1981.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Trad. de M. B. B. Florenzano. EDUSC, 2004.



RANKE, Leopold von. "História das Nações Latinas e Germanas" e "História Universal: Heródoto e Tucídides", In <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/antigosmodernos/seculoxix/ranke/herodototucidides.html>

REIS, José Carlos. *História e Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3a Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFGV, 2006.

SAID, Edward W. *Reflexões Sobre o Exílio*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.